

# PUC

SYLVIA THEREZINHA CARDONI JANGUTTA

**DISTÚRBIOS DE IDENTIDADE EM VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA URBANA:  
UMA ABORDAGEM PSICO-SOCIOLÓGICA**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

Departamento de Psicologia

Rio de Janeiro, Fevereiro de 1983

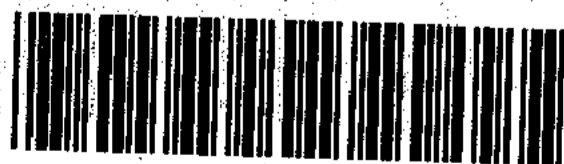
**Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro**

**Av. Marquês de São Vicente, 225 - CEP 22453**

**Rio de Janeiro — Brasil**

**N.Cham.** 150 J33 TESE UC

**Título** Disturbios de identidade em vitimas de violencia urbana



Ex.1 PUCB

0114159

BC - PUC

DOAÇÃO

SYLVIA THEREZINHA CARDONI JANGUTTA

DISTÚRBIOS DE IDENTIDADE EM VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA URBANA:  
UMA ABORDAGEM PSICO-SOCIOLÓGICA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

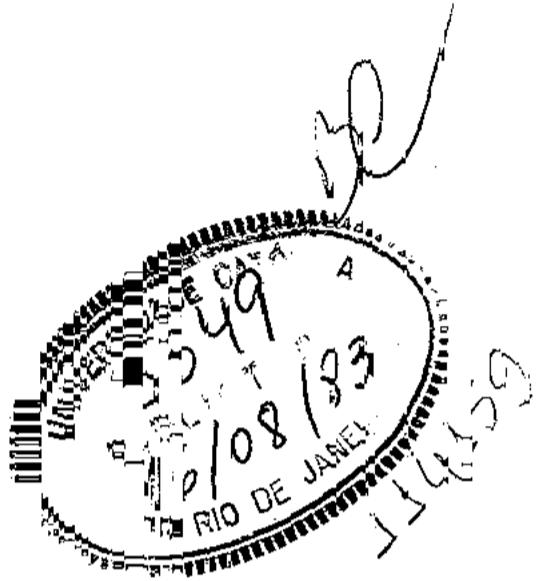
Orientador: Monique Augras

Departamento de Psicologia

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, fevereiro de 1983

949



BT-1266-2

TESE VC

150  
433  
TESE VC  
CCH  
CCH

À memória de meu pai,  
o primeiro a ensinar-me  
que só o conhecimento  
conduz à liberdade.

## AGRADECIMENTOS

- . À Professora Monique Rose Aimée Augras, que me concedeu a possibilidade de crescimento intelectual e pessoal, pela segurança e firmeza com que me assistiu em todos os momentos.
- . Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, pela ajuda financeira recebida durante o curso.
- . Ao Professor José Augusto Dela Coleta pela inestimável colaboração.
- . Ao Dr. Milton da Costa, Delegado Titular, pelo apoio e confiança depositada ao permitir minha permanência na Delegacia.
- . Ao Detetive José Jorge Teixeira de Mesquita pelo auxílio no contato com as vítimas, que em muito contribuiu para a construção do grupo experimental.
- . À Marylia Gomes dos Santos pela compreensiva e dedicada cooperação na composição do grupo de controle.
- . À Myrian de Andrade Rosa Cabral pela paciente e cuidadosa produção do texto.
- . À Sylvia e Geraldo Cardoni Jangutta, pelo amor, apoio e solidariedade incondicionais, que os tornam co-autores deste trabalho.

## RESUMO

O objetivo primordial do presente trabalho foi pesquisar, quais efeitos produzem os atos de violência em suas vítimas. Para tanto, identificaram-se três temas: sentimento de perda da identidade, sentimento de medo da morte, sentimento de insegurança perante a realidade, que em tese, juntos ou separados, provocariam transformações na consciência de si, na auto-aceitação, na auto-estima, na percepção dos limites do espaço e do tempo, na percepção do outro e do mundo social.

A pesquisa de campo consistiu na comparação de vinte e cinco pessoas vítimas de violência compondo o grupo experimental, e de vinte e cinco pessoas não vítimas de violência compondo o grupo de controle.

A construção do grupo de controle obedeceu rigorosamente as categorias sexo, idade, residência, nível de escolaridade e profissão apresentadas pelo grupo experimental, visando-se o emparelhamento dos grupos, formados por indivíduos brasileiros, adultos e residentes na região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro.

Os instrumentos utilizados foram uma escala de auto-estima, o Teste do Desenho da Figura Humana e uma entrevista que seguiu um breve roteiro, valorizando-se, contudo, a fala espontânea e livre dos entrevistados.

Os resultados obtidos mostraram não haver diferenças significantes entre os dois grupos.

Da análise dos resultados pode-se concluir que a presença dos mesmos temas em ambos os grupos, parece ser provenien

te das condições sociais atuais, independentemente do fato dos sujeitos serem vítimas ou não de violência.



## SUMMARY

The main purpose of this work was to research which effects violent actions produce on their victims. Therefore three main themes have been identified: the feelings of loss of identity, fear of death, insecurity facing reality which together or separately, in thesis, would bring about changes in people's self-awareness, self-acceptance, self-esteem and in the perception of the limits of space and time, perception of persons around oneself and of the social world.

The field research was based on the comparison of twenty five individuals victims of violence, comprising the experimental group, and of twenty five non-victims comprising the control group.

The organization of the control group took into account, rigorously, the categories of sex, age, residence, scholarship and profession which were also present in the experimental group just for the sake of pairing both groups formed by Brazilians, adults, residents in the Rio de Janeiro State metropolitan area.

The instruments used were a self-esteem scale, the Human Figure Drawing Test, and an interview based on brief guide lines. Emphasis was given on the free conversation of the persons interviewed.

The obtained results showed that there was not any significant difference between the two groups.

From the examination of the results one may conclude that the presence of the same themes in both groups may be due

to the present social conditions, regardless of the fact that the subjects have or have not been victims of violence.

## SUMÁRIO

Agradecimentos .....	ii
Resumo .....	iii
Summary .....	v
Lista de Tabelas .....	viii
Lista de Anexos .....	viii
CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO .....	1
CAPÍTULO II - A VIOLÊNCIA EM ESTUDO .....	8
2.1 - Estudos Teóricos .....	8
2.2 - Fisiologia da Agressão .....	17
2.3 - Estudos Experimentais .....	21
CAPÍTULO III- A CONSTRUÇÃO DIALÉTICA DA IDENTIDADE .....	32
CAPÍTULO IV - METODOLOGIA .....	45
4.1 - Modelo .....	45
4.2 - Hipóteses .....	46
4.3 - Procedimentos e sujeitos .....	47
4.4 - Instrumentação .....	56
4.4.1 - Escala de auto-estima .....	57
4.4.2 - Teste do Desenho da Figura Humana .....	60
4.4.3 - Entrevista .....	64
4.5 - Resultados .....	82
CAPÍTULO V - DISCUSSÃO E CONCLUSÕES .....	85
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	95
ANEXO I .....	102
ANEXO II .....	104
ANEXO III .....	112
ANEXO IV .....	116

## LISTA DE TABELAS

1. Resultados na escala para medida do sentimento de <u>au</u> to-estima .....	120
2. Resultados no teste do desenho da figura humana ....	121

## LISTA DE ANEXOS

I. Escala para medida do Sentimento de Auto-estima ..	102
II. Forma preliminar dos critérios para a análise <u>es</u> trutural do Teste de Desenho da Figura Humana ....	104
III. Forma final dos critérios para a análise <u>estrutur</u> al dos desenhos da Figura Humana .....	112
IV. Roteiro de entrevista para o grupo de vítimas ....	116
Roteiro de entrevista para o grupo de não vítimas.	118

## CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO

↓+ A ampla e difundida importância que vem sendo atribuída à violência, especialmente a existente nas grandes metrôpoles, chamada violência urbana, inspirou a investigação de seus efeitos sobre as pessoas por ela vitimadas. X

Parece-nos indiscutível a penetração da violência no cotidiano da população. O indivíduo é obrigado a conviver, quer através das vivências pessoais, quer através dos meios de comunicação, diariamente, com a idéia de ter sua existência ou bens ameaçados. Tal fato sustenta a constatação de que a violência é tida, atualmente, como uma parte integrante da vida dos habitantes dos grandes centros urbanos. ↑

Os conceitos de violência e agressão têm sido usados como sinônimos por muitos estudiosos, porque violência implica na presença de agressão. Para os teóricos das teorias biológicas ou instintivas, a agressão é um comportamento inato, possuidor de função conservadora e preservadora da espécie. Dentro desse contexto, a violência seria uma patologia da agressão.

No presente trabalho, a violência, por sua definição um tanto ambígua, pode se manifestar através de atos tais como roubo, assalto, seqüestro, estupro e outros que são social e juridicamente punidos, acarretando a reclusão de quem os pratica, visto que se caracterizam por uma ação violenta e não provocada contra outra pessoa, com propósitos hostis e/ou destrutivos.

Para falar de violência, torna-se necessária a revisão da literatura dedicada ao exame da agressão. Verifica-se então, que os estudos psicológicos sobre a agressividade colocam-

se em posições unilaterais, onde o fenômeno ou é visto como algo inato, existindo na condição humana uma tendência agressiva natural e imutável que pode, porém, ser deslocada para outras atividades; ou é visto como algo reativo que depende das estimulações ambientais para se expressar.

Na primeira corrente situam-se os etologistas, que a partir de observações do comportamento animal estabelecem comparações com o comportamento humano. O homem é, dentro dessa perspectiva, genética e instintivamente agressivo devido à sua herança animal, que o torna um agressor nato. No outro extremo estão os teóricos que acentuam a importância do meio ambiente, como desencadeador do comportamento agressivo, seja através de uma reação à frustração (teorias da frustração-agressão), seja através da aprendizagem pela imitação, que pressupõe uma determinação cultural dos comportamentos agressivos (teorias culturais e de aprendizagem social).

Conclui-se, então, que não existe nenhuma teoria que explique a dinâmica do comportamento agressivo em sua totalidade. Comprovada a insuficiência das teorias disponíveis para explicar a complexidade da agressividade humana, é preciso analisar as pesquisas atuais sobre o tema, como outra fonte de clarificação para a compreensão do problema em questão.

O exame da agressão do ponto de vista psicológico tem determinado uma grande quantidade de pesquisas que, invariavelmente, dedicam-se ao estudo das causas e mecanismos do comportamento agressivo através de experimentos de laboratório, que seguem minuciosos procedimentos tendo em vista o rigor científico, mas que muito se afastam da realidade dos acontecimentos da vida cotidiana, devido ao artificialismo das situações criadas; haja

visto os numerosos trabalhos que utilizam choques elétricos ou ruídos de alta intensidade como instrumentos considerados "agresivos".

Encontraram-se muitas pesquisas, que se dedicaram ao exame da percepção que o agressor tem de sua vítima; da percepção das pessoas envolvidas em situações violentas; das medidas que podem ser adotadas para controlar a violência; da influência exercida pelos meios de comunicação como causadores de comportamentos agressivos manifestos; das condições de temperatura do ambiente influenciando a agressividade nas pessoas, e outras que muito pouco ou quase nada acrescentam ao estudo dos efeitos da violência em suas vítimas, pois além de serem muito escassas, tais pesquisas quando existem, constituem experiências de laboratório, nas quais tanto as "vítimas" quanto seus "agressores" são participantes que se submetem às condições artificiais dos experimentos.

Assim, o levantamento das teorias e pesquisas existentes a respeito das pessoas vitimadas por atos de violência - principalmente no que se refere à violência urbana - não revelou explicações satisfatórias. O que se conhece atualmente no assunto são, quase que exclusivamente, especulações e depoimentos fornecidos pela imprensa escrita, sem que haja tratamento científico dos mesmos.

É curioso notar que os cientistas sociais, de modo geral, ainda estão demasiadamente voltados para a análise das possíveis origens, causas e mecanismos da agressão, podendo-se mesmo afirmar, que predomina no meio científico um certo descaso pela vítima, parte fundamental do problema, uma vez que não pode haver agressão sem que exista um "agredido". Nas exceções, a ví

tima, quando muito, surge como um elemento instigador da agres  
são sofrida.

O excessivo interesse pela "etiologia da violência" pa  
rece ser contagiante: no terceiro e último encontro nacional de  
psicólogos, realizado na cidade do Rio de Janeiro em Agosto de  
1981, entre debates, comunicações e mesa redonda sobre Psicologi  
a e Violência Urbana, somente o presente trabalho se referiu às  
vítimas de violência. (\*)

Todos esses fatos funcionam como forte indício de que  
as abordagens unilaterais e parciais dos problemas inerentes a  
Psicologia Social, parecem ser devidas a uma certa incapacidade  
de lidar com os problemas sociais de maior complexidade, de maneir  
ra integrada e sistêmica, visto que, até agora, a preocupação dos  
profissionais de nossa área demonstra estagnação face à multipli  
cidade dos fatores envolvidos no estudo da violência.

Portanto, surgem pesquisas dedicadas à situação do me  
nor carente e marginalizado; ao estudo do sistema penitenciário;  
às explicações das causas da violência; às possíveis medidas pre  
ventivas e de combate, que possuem, logicamente, grande relevância  
para o estudo do problema, mas que paradoxalmente desprezam o  
seu produto final. De que adianta estudar a violência se pouco ou  
quase nada se conhece sobre seus efeitos?

↓ A violência considerada como ação destrutiva não leva  
simplesmente à morte, ela é possuidora de conseqüências mais su  
tis, que nem por isso são menos perigosas ou negativas. Seus efei  
tos podem ser tomados como "uma morte em vida", na medida em que  
o medo por ela gerado, passa a ser elemento provocador de inúme  
ras transformações sociais que, lentamente, empobrecem a qualida  
de de vida nas grandes cidades. ↑

(\*) ver Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, 34(3):133-175, 1982.



√ Ao limitar as pessoas espacial e temporalmente em seus hábitos diários, ao prejudicar as relações humanas que tornam-se eivadas de desconfiança e indiferença, ao provocar alterações na maneira das pessoas perceberem a sociedade, a violência corporifica-se em um meio incapacitante de se viver normalmente. Sua existência estabelece um período onde a incerteza é a regra mais do que a exceção. X

Nos EUA, a preocupação com a violência urbana e seus efeitos não é recente. A revista "Seleções" de Setembro de 1969 contém um artigo chamado "Medo nas ruas - aprendendo a viver com ele", que possui o seguinte prólogo: "O índice crescente de crimes nas cidades americanas tem produzido um aumento ainda mais acentuado da pura paranóia. Eis uma exposição do que alguns habitantes urbanos estão fazendo atualmente para se protegerem, e uma visão de pesadelo do que poderão ter de enfrentar amanhã." (Op. cit. nº 332:50). X

Verifica-se que decorridos quase quatorze anos, as medidas preventivas e defensivas adotadas pelos cidadãos continuam as mesmas, tendo sofrido muito poucas transformações apesar do desenvolvimento tecnológico ocorrido nos últimos anos. O medo, porém, continua crescendo assustadoramente.

Gray (1978) em um trabalho dedicado à psicologia do medo e do "stress" mostra que, não é verdade que os seres humanos nascem com um medo instintivo, e que são três as atitudes possíveis frente ao medo: o congelamento, o ímpeto, ou luta. A luta pode surgir quando o homem é capaz de aprender algo completamente novo, que acabará com o perigo ou permitirá que ele evite a situação perigosa no futuro. Fica claro, que diante do quadro atual, o homem continua congelado ou paralisado quando expe

rimenta o medo suscitado pela violência urbana.

√ Na revista "Time" (Março, 1981) já se constata, que o medo da violência parece ter tornado a população fraca e incapaz de lidar com as fontes de seu medo, e também que o medo pode estar sendo um dos fatores-chaves que impedem a sociedade de lutar contra os problemas da violência de maneira bem sucedida. ↗

Esses aspectos tornaram necessária a utilização do enfoque sociológico no presente trabalho, pois faz parte dos seus objetivos, fornecer uma visão do problema dentro da perspectiva dialética na qual a sociedade é vista como um produto humano, e o homem é um produto social.

Nos Estados Unidos, ainda segundo o artigo da revista "Time" os criminologistas afirmam que o medo de se tornar uma vítima é maior que o risco atual, mas ninguém nega que o medo é real. Lá porém, parte da nova reação à violência é a maior atenção que está sendo dada às vítimas de crimes violentos, através de associações de moradores, organizações de amparo e aconselhamento às vítimas de estupro e outras, que surgiram espontaneamente e que contam com o total apoio e aprovação das organizações policiais.

Richard Ciccone, um psiquiatra da Universidade de Rochester, acha que a menos que a sociedade comece a fazer algo mais, a epidemia de violência estará paralela a uma epidemia de problemas psiquiátricos nas vítimas. Ele diz: "Vítimas que não recebem uma compreensão apropriada e um tratamento, caem frequentemente em depressão crônica, perdem suas habilidades de traçar seus caminhos no mundo, e tornam-se sombras de suas próprias formas." (Op. cit. Vol. 117, Nº 12:22).

√ A precariedade da produção científica no que se refere ↗

re ao estudo psicológico das vítimas de violência, somada ao recente interesse que a violência urbana tem despertado nas mais diversas áreas de pesquisa no Brasil, parecem justificar plenamente a busca de conhecimentos para melhor compreensão dos problemas que esta provoca em suas vítimas, posto que a partir do conhecimento mais objetivo das vivências dessas pessoas, poder-se-á traçar técnicas terapêuticas mais adequadas ao atendimento das mesmas, bem como levantar questões que suscitem futuras pesquisas.

## CAPÍTULO II - A VIOLÊNCIA EM ESTUDO

### 2.1 - ESTUDOS TEÓRICOS

Parece que um dos motivos de existir uma certa confusão em torno do termo violência, é o fato de ser tomado como sinônimo de agressão. Embora estejam intrinsecamente relacionados, é necessário que se faça uma distinção. Violência do latim VIOLENTIA tem em sua acepção jurídica, entre outras, a que se considerou como a mais abrangente: "constrangimento físico ou moral, uso da força, coação" (Ferreira, B.H.A., 1975). Agressão é tida como "conduta caracterizada por intuito destrutivo, investida, acometimento, ataque, ação ou efeito de agredir" (Id. ibid:52) . Assim, a análise da violência remete, inevitavelmente, ao estudo da agressão.

No que diz respeito ao significado de "agressão" nota-se, claramente, que devido a ambigüidade do termo, com o agravante de serem muitas as tentativas de demarcação do mesmo, surge uma enorme quantidade de definições e de diferentes classificações de "tipos de agressão", exemplificadas por autores como Buss (1975), que baseado na existência de três dicotomias do comportamento agressivo: físico-verbal, ativo-passivo, direto-indireto, da interação dessas categorias apresenta 8 tipos diferentes de agressão. Moyer (1975) apoiando-se no modelo fisiológico classifica 7 tipos de comportamento agressivo: predatório entre machos, induzido pelo medo, irritável, territorial, maternal, ligado ao sexo e instrumental. Montagu (1978) chega a distinguir 13 diferentes formas de agressividade.

Em pesquisa recente, Stapleton et al. partindo da hipótese de que uma análise crítica do conceito de agressão, forneceria uma base para a demonstração empírica da relatividade envolvida no uso do termo "agressivo", empregaram 60 sujeitos como observadores ingênuos e lhes deram descrições do paradigma frequentemente usado no estudo da agressão. O que parece importante ressaltar, é que nessa pesquisa os autores admitem que não só existe uma falta de articulação entre as definições operacionais e conceituais do termo agressão, mas que também é difícil discernir qual critério poderia ser aplicado para estabelecer uma unidade funcional entre todas as respostas identificadas empiricamente como agressivas. Assim eles propõem: "A falta de um critério claro na identificação de uma resposta "agressiva" torna necessário para cada pesquisador, a construção de seu próprio e inexplicável julgamento fenomenológico, sobre o que ele irá considerar como sendo agressivo". (1978:279). Sem definição satisfatória do termo, visto que, as dificuldades de se chegar a uma conceituação precisa residem na diversidade das visões teóricas, faz-se necessária a revisão da literatura especializada no estudo da agressão.

Ao examinar atentamente as diversas teorias de agressão, conclui-se que toda a discussão em torno do tema pode ser resumida na seguinte questão: é a agressão um impulso inato e instintivo, que busca uma expressão espontânea como os instintos da fome, sexo e sede, ou é apenas uma resposta circunstancial, isto é, que depende de fatores externos adversos, é de caráter reativo e não um instinto? (Ferreira, 1975).

Para facilitar a exposição das diversas teorias usar-se-á aqui a classificação apresentada por Singer (1975) que as

divide em 3 grandes grupos: as teorias biológicas ou instintivas, as teorias de frustração-agressão e as teorias culturais e de aprendizagem social.

O primeiro grupo compõe-se de autores como McDougall (1908); William James; Freud (1932); Menninger e, mais recentemente, os etologistas como Lorenz (1966); Tinbergen (1966); Dart (1954); Ardrey (1966) e Morris (1969).

Essas teorias acentuariam, basicamente, o fato de al gum tipo de tendência para destruição ou ataque direto ser in rente ao homem, parte de sua "natureza animal", a agressão é vis ta como resíduo diretamente instintivo de desenvolvimento evolu tivo.

Neste grupo, foram os etologistas que aceitaram a po sição menos ambígua. Partindo de observações do comportamento a nimal, os etologistas, principalmente Lorenz, tentaram demon strar que a agressão é um padrão de respostas invariável, genetic amente determinado e muito específico.

Nesse contexto, a agressão é tida como sistema de com portamento instintivo que gera sua própria energia, independente mente de estimulação externa. Se houver alguma aprendizagem, es ta se dá no desenvolvimento de expressões socialmente adaptati vas para a descarga de impulsos instintivos de agressão. Assim sendo, se essa energia agressiva não depende do meio ambiente, mas se autogera no interior do organismo, ela é força autônoma, difícil de modificar e, portanto, perigosa. Porém, Lorenz reco nhece no instinto agressivo uma função de proteção da ecologia, no sentido de ser essencial para a preservação da vida e continui dade das espécies. Para ele, são três as atribuições do comporta

mento agressivo que mais importam à conservação da espécie: "a repartição de seres vivos semelhantes no espaço vital disponível, a seleção efetuada pelos combates entre rivais e a defesa da prole." (1974:54). No que diz respeito aos mecanismos de inibição da agressão, que impedem a auto-exterminação da espécie, Lorenz afirma que os animais possuem a ritualização filogenética e a ritualização cultural. Mas, como o homem não está provido desses mecanismos inatos de controle da agressão, Lorenz propõe, no último capítulo do seu livro A Agressão (1974), algumas possibilidades de controle tais como a reorientação dos atos agressivos sobre uma objeto de deslocamento; a utilização da energia agressiva em atos socialmente aceitáveis (esportes); e em causas entusiasmanes (participação em serviços voluntários de assistência social, militâncias em partidos políticos etc.). (Id. ibid.:284-290). Essas medidas, como observou Larrain "representam o que denominamos catarse, sublimação e outros conceitos semelhantes" (1976:22).

As principais críticas feitas aos etologistas são principalmente a generalização de explicações do comportamento humano, tendo como base o estudo do comportamento animal; a convicção de que todo comportamento humano específico é determinado geneticamente, havendo então o total desprezo pelas experiências que o homem acumula ao longo de sua existência em interação com o meio ambiente; a falha de não terem considerado as diferenças individuais e, a desconsideração pelas evidências contrárias a suas posições. Montagu (1978) no livro A Natureza da Agressividade Humana, escrito com a finalidade de refutar as idéias das teorias biológicas ou instintivas, além de enumerar detalhadamente erros, equívocos e afirmações preconceituosas, dedica um capí

tulo ao exame de todas as conseqüências ideológicas provenientes das premissas dessas teorias, apontando sérias implicações sociais, políticas e científicas: "Nossa tendência a aceitar a violência como uma forma normal de comportamento torna-se mais tolerável, se não aceitável, quando nos dizem que ser violento faz parte da natureza do homem, é um legado de seus antepassados pré-históricos". (Op. cit: 257). Este trabalho constitui severa crítica aos adeptos do modelo teórico puramente biológico ou instintivo para o estudo do comportamento humano.

Foi devido ao estudo teórico da agressão, que as escolas psicanalíticas tiveram algumas de suas maiores desavenças. Freud mudou constantemente suas idéias a esse respeito. No início, quando estava absorvido na teoria da libido, deu à agressão uma posição secundária, como um resultado instintivo dos estágios de desenvolvimento psicosssexual. Porém, quando surgiu seu interesse pelos "instintos do ego", principalmente com o da auto-preservação, foi então a agressão especialmente acentuada. Daí em diante, apresentou a teoria de que os impulsos agressivos não eram biologicamente instintivos e sim reativos. Essa colocação tornaria-se central na hipótese de frustração-agressão de Dollard e seus colaboradores. Entretanto, Freud teve como teoria final a do instinto de morte, que foi uma interpretação negativista e inevitável para com as raízes instintivas da agressão. No fim de sua vida, aumentou sua fidelidade à interpretação fundamentalmente biológica do comportamento. (Bard, 1975).

Seguindo a classificação de Singer, o segundo grupo compõe-se das teorias de frustração-agressão. Surgida no fim dos anos 30, na Universidade de Yale e criada por Dollard e seus colaboradores, sustenta que "uma tendência para a agressão é uma



reação constitucional a circunstâncias frustradoras, mas que pode ser consideravelmente alterada pela aprendizagem". (Op. cit.: 36-37).

Os teóricos dessa corrente afirmam ser o comportamento agressivo, uma resposta essencial do organismo à frustração ou ao impedimento de esforços dirigidos para um objetivo.

Berkowitz e seus colaboradores, recentemente, examinaram de novo essa teoria mostrando - através de vários experimentos muito bem controlados - que os indivíduos bloqueados em seus objetivos tornam-se mais agressivos, e com tendências a ter comportamentos de ferir outros. Admite Berkowitz que o âmago da frustração é um bloqueio dos desejos do indivíduo, ao contrário de ser uma privação de alguma necessidade básica (Singer, 1975).

Apesar de outros teóricos não aceitarem a noção específica da teoria de frustração-agressão, concordam com a idéia de que há uma alteração no comportamento do indivíduo quando aumenta sua excitação. Tomkins (1962) "admitiu que a estimulação prolongada e intensa, seja frustração, ruído ou medo contínuo, leva a maior probabilidade de cólera e agressão". (Id. ibid.:38).

Para se entender melhor a dinâmica dessa teoria, deve-se recorrer a um artigo escrito por Buss no qual faz uma distinção de dois tipos de agressão. Para ele a agressão pode ser definida "através da intenção de dar estímulos desagradáveis independentemente do fato de chegar ou não a conseguir fazê-lo." (1975:12). Dentro dessa perspectiva, a agressão teria duas intenções básicas: "fazer com que a vítima sofra, ou aquisição de algum reforçador pelo agressor." (Id. ibid.:12), ao considerar seus reforçadores, surgem as duas classes de agressão. A primeira, AGRESSÃO DE CÔLERA, aparece na presença de qualquer estímulo que

induza a cólera como por exemplo ataque, insulto, ou existência de elementos desagradáveis. Esses estímulos fazem surgir a cólera que é seguida por agressão, e que tem por intenção provocar sofrimento na vítima.

Já a AGRESSÃO INSTRUMENTAL, "é iniciada por competição ou pelo fato de o reforçador desejado ser possuído por outra pessoa". (Indicações de agressão a sangue-frio, não encolerizada). (Id. ibid.:13). Essa distinção de dois tipos de agressão, levaram o autor a fazer uma crítica a teoria da frustração-agressão (Dollard, 1939), uma vez que ela supõe, implicitamente, que toda agressão ocorre somente com a existência de cólera. Deste modo tal teoria não seria satisfatória, visto que a cólera pode ocorrer sem agressão e vice-versa. Ademais parece que a acentuação dada a frustração pelos teóricos adeptos desse modelo, acarretou um certo descaso com outros fatores tais como a contrariedade e o ataque. (Ferreira, 1975).

Dentro desse modelo teórico onde a agressão é ativada pela frustração, acredita-se que deva ser possível, ao menos parcialmente, obter uma redução do comportamento agressivo mediante mudanças no ambiente, com a finalidade de diminuir frustração excessiva ou privação. (Singer, 1975). Como mostrou Berkowitz em uma série de estudos onde os indivíduos reagiram com maior hostilidade na presença de alguns objetos, que anteriormente já haviam sido associados a incidentes agressivos (revólver p.ex.), parece que estímulos associados à agressividade facilitam a passagem da disposição agressiva ao ato agressivo. Assim, a expressão de agressão pode ser reduzida pelo afastamento de algumas das indicações que instigam comportamentos agressivos.

Existem outras possibilidades, ainda dentro desse en

foque, para reduzir o impulso agressivo, como o deslocamento. (Larrain, 1976). Muitos teóricos sustentam que haveria uma oportunidade - ao se sentir frustração ou excitação periódica de impulsos agressivos ou de raiva, para viver indiretamente tais sentimentos, através da ficção (espetáculos de violência) ou das fantasias agressivas. Essa é a conhecida hipótese da catarse onde o impulso agressivo pode ser descarregado por outras atividades que não sejam diretamente agressivas.

O terceiro grupo de teorias, chamadas de teorias Culturais ou de Aprendizagem Social na classificação de Singer, tem em Albert Bandura um dos seus principais representantes. A posição desse grupo é a de que "grande parte do comportamento da criança é adquirido através da imitação mais ou menos direta de pais ou companheiros". (Op. cit.:38).

A importância dessas teorias está na ênfase que dão à possibilidade de freqüente imitação pela criança, e também a atenção que dedicaram ao problema da agressão, considerado um dos mais importantes no estudo do comportamento humano. Bandura e seus colaboradores demonstraram que as crianças realmente imitam - através de observações da vida real ou em filme - o comportamento destrutivo de um adulto. Outros estudos mostraram que essa imitação pode ocorrer também em adultos.

Para finalizar essa apresentação das bases teóricas do estudo da agressão, vê-se que o debate sobre o tema sempre se fundamentou numa posição polarizada em que, basicamente, a agressividade humana é vista como inata, ou seja: é determinada exclusivamente pela hereditariedade; ou é vista como sendo uma resposta diretamente aprendida ou culturalmente condicionada. Pode-se mesmo afirmar que as explicações do comportamento humano têm fa

vorecido, geralmente, modelos causais unidirecionais, enfatizando os determinantes ambientais ou internos do comportamento. Me gargee (1970) em uma tentativa de explicação do comportamento agressivo - após ter reconhecido que a agressão é simplesmente uma forma de comportamento humano e que, como todas as outras atividades, ainda está para ser explicada - reconhece que a pesar da diversidade, existem certas linhas comuns que sublinham os mesmos fatores na maioria das visões teóricas ao problema da agressão. Tais fatores básicos seriam quatro: O primeiro é a mo tivação para demonstrar comportamento agressivo também chamada de "hostilidade", "cólera", "instigação para agressão", "necessidade de agredir" etc. O segundo fator básico está nos mecanismos de inibição dentro da personalidade e que se opõem a expressão manifesta da agressão. O terceiro fator refere-se a variáveis de estímulo ou de situação no ambiente externo, que facilitam ou im pedem o comportamento agressivo; o quarto fator é a força de res postas competitivas que não são compatíveis com o comportamento agressivo.

Inferre-se, de tudo o que foi exposto anteriormente, que é provável que nenhuma teoria isolada chegue jamais a expli car a grande diversidade de comportamentos humanos agressivos. Mas, como observou Bard "como cientistas sociais, estamos o brigados a continuar nossas explorações e a ampliar nossa compre ensão do comportamento humano em sua matriz social e psicológica". (1975:194).

## 2.2 - FISILOGIA DA AGRESSÃO

Parece que todas as pesquisas fisiológicas do comportamento agressivo se orientam, fundamentalmente, para a questão da existência ou não no homem de um centro da agressão, cuja origem seja somente orgânica.

A parte do cérebro relacionada, mais comumente, com a agressividade é o sistema límbico, que forma uma espécie de anel no lado interno do cérebro e cuja parte ântero-inferior é conhecida como amígdala. A amígdala situa-se no polo de cada lobo temporal, e é estreitamente identificada com o comportamento agressivo. Várias partes do sistema límbico já foram relacionadas com a agressão. A maioria dos autores postula que as regiões essenciais que dirigem a agressividade estão localizadas profundamente nos lobos temporais e nas estruturas subcorticais que formam o sistema límbico.

"A reação de emergência" que envolve afetos como medo e raiva, como descreveu Cannon, deve-se ao fato do sistema nervoso simpático agir conjuntamente com os hormônios secretados pela medula supra-renal. Chamados de catecolaminas, esses hormônios são denominados noradrenalina e adrenalina na Inglaterra e, epinefrina e norepinefrina nos EUA.

Existe uma distinção entre a ação da noradrenalina e da adrenalina. Segundo Caram (1978), esta diferenciação é fundamental porque além de explicar as diferentes respostas da emoção, permite conhecer melhor a influência da ansiedade. Diz o autor: "para Von Euler, a noradrenalina é o mediador vegetativo de todos os instantes, agindo sobre o conjunto do organismo. A adrenalina é o mediador utilizado nos estados de luta, solicitando todos os recursos orgânicos". (Op.cit.:25). A função da adrenali

na é mobilizar as reservas orgânicas para a ação rápida - luta ou fuga - que possa ser necessária. Sua ação mobiliza todo o organismo, e ela é liberada nos estados de ansiedade. Já a ação da noradrenalina, não atingindo todo o indivíduo, é breve e limitada. A importância desses hormônios está no fato de que, os estados corpóreos de medo e raiva se caracterizam por um aumento do grau de ativação do organismo e da taxa de catecolamina no sangue.

Constata-se que existem, basicamente, dois métodos de estudo da fisiologia da agressão. O primeiro é o registro de transformações corpóreas, e o segundo é a análise do comportamento agressivo, através de uma intervenção direta no organismo. A respeito desse primeiro método de estudo, Grossman (1973) forneceu um esclarecimento muito oportuno ao relatar, que muitos investigadores tentaram correlacionar reações fisiológicas específicas com emoções particulares, no desejo de mostrar que cada tipo de emoção originaria um único modelo de mudança fisiológica. Assim, medidas de secreção do suor, batimento cardíaco, vasoconstricção ou dilatação, pressão sanguínea, respiração, tamanho da pupila, atividade endócrina e eletro-encefalograma cortical, foram estudadas extensivamente. Porém, sua conclusão foi que: "todas as medidas disponíveis atualmente refletem experiência emocional, e fornecem um registro adequado das excitações usuais, mas não são suficientemente seletivas para servir como indicador da intensidade de uma emoção particular." (Op. cit.: 281).

É possível, que devido a essa limitação, a maioria das pesquisas encontradas se concentrem na análise de comportamento agressivo, sob o prisma de uma intervenção direta no organismo.

Dentro desse enfoque, Moyer (1975) esquematiza um modelo fisiológico e, as conseqüências desse modelo para o seu controle fisiológico. Reconhecendo que há diferentes tipos de comportamento agressivo e que cada um deles tem uma base fisiológica diferente, tentou identificar os mecanismos que são semelhantes para todos, ou quase todos os tipos de agressão. A primeira premissa de seu modelo, indica que o comportamento agressivo está ligado a estímulos, e se baseia no fato de que no cérebro de animais e do homem existem sistemas nervosos organizados e inatos, que uma vez ativados por determinados estímulos, resultam em comportamento agressivo com relação a tais estímulos. O autor acredita que tais sistemas de agressão não são ativos na maior parte do tempo, e que são sensibilizados ou dessensibilizados por alguns componentes do sangue como os hormônios. Admite também que o comportamento agressivo, como todos os outros, é muito influenciado pela experiência; assim os animais e os homens podem aprender, pelo uso do reforçamento, a exibir ou a inibir comportamento agressivo. Outra consideração sua é a de que, se o sistema de agressão é ativado pela frustração, também é possível reduzir a agressividade através de mudança no ambiente a fim de reduzir privação ou frustração excessiva. Moyer conclui então que se é válido tal modelo, "também deve ser possível controlar tendências agressivas através da manipulação fisiológica e direta do ambiente interno." (Op. cit.: 81).

Uma vez aceita a noção de que existem sistemas nervosos que são ativos durante o comportamento agressivo e são responsáveis por este, é possível reduzir ou eliminar a agressividade pela interferência em tais sistemas. Existem quatro formas de controle fisiológico: 1) inibição de agressão em animais e seres

humanos através de lesões cerebrais. (Ablação completa e bilateral dos lobos temporais, amigdalectomia, lesões do hipocampo, do cingulum, do hipotálamo posteromedial e outras); 2) controle da agressão por estimulação cerebral, que ativa sistemas neurais bloqueadores dos sistemas de agressão. (Estimulações dos lobos frontais centromediais, da região do septo, ou de outras áreas de inibição); 3) controle de agressão por terapia de hormônios, mediante a aplicação de substâncias que desempenham atividade anti-androgênica, visto serem os hormônios masculinos causadores de agressão entre machos e, de agressão de irritação. (Os maiores inibidores são os estrogênios, seguidos por derivados de pregnane); 4) controle de agressão por medicamentos. (Uso de fenotiazinas, dilantina, propanedíolis, benzodiazepinas e até o estimulante anfetamina).

Apesar das provas de que existem áreas do cérebro envolvidas ou relacionadas com o comportamento agressivo, é muito precipitado afirmar - como Moyer - que o homem possui organizações inatas, neurais e endócrinas que, quando ativadas, provocam comportamentos agressivos, visto que a partir dessa posição que motivou muitas pesquisas, pode-se constatar que é possível suscitar um comportamento específico por meios cirúrgicos, elétricos ou químicos, mas não fica claro porque isso pode ser feito. Montagu (1978) cita vários autores como Delgado, Plotnik e outros fisiologistas que enfatizaram como são limitadas as conclusões derivadas dessas experiências de controle fisiológico da agressão.

Acredita-se aqui, que o estudo das bases fisiológicas da agressão é demasiado complexo, além de possuir importância limitada dentro dos objetivos do presente trabalho, por isso não



será visto em profundidade. Mas, diante da existência de uma com plexa rede de estímulos que causam o comportamento agressivo, e da impossibilidade de tomar qualquer um deles como causa princi pal da agressividade, somos obrigados a concluir, como sinteti - zou muito bem Caram (1978): "(...) não há nenhuma prova fisioló gica de uma estimulação espontânea para a violência cuja origem seja orgânica somente." (Op. cit.:31).

### 2.3 - ESTUDOS EXPERIMENTAIS

Apesar de alguns teóricos - como Freud, Einstein, Mc Dougall e William James - terem chamado atenção para o problema da agressão já no início do século, verifica-se que pouca pesqui sa formal foi feita antes dos meados da década de 1930. Na verda de, a maioria das pesquisas sobre a agressão no homem foi feita na década de 60, porém, foi mais recentemente, que a Psicologia utilizou sua tecnologia experimental para o estudo da agressivi dade em indivíduos considerados normais.

Singer (1975) acredita, que diante da imensa carga de informação sobre a violência que atinge os indivíduos, existe u ma espécie de mecanismo maciço de negação, talvez para manter a sanidade mental e, acha possível afirmar que os psicólogos e ou tros cientistas do comportamento evitaram, na maior parte deste século, a pesquisa ou o exame científico dos urgentes problemas que envolvem a capacidade humana para prejudicar seus semelhan tes.

Em uma revisão da literatura das diversas pesquisas que enfocam a agressão sob o ângulo psicológico, encontraram-se

muitos estudos que, quase sem exceção, só analisam a violência, suas causas e efeitos a nível de experiências de laboratório, onde os sujeitos são, em sua maioria, voluntários que se submetem aos experimentos. A este respeito, Bard (1975) cita uma observação muito oportuna de Megargee feita em 1966: "de modo geral os experimentos psicológicos sobre a agressão são decepcionantes... em grande parte, os estudos de laboratório sobre a agressão se limitaram a comportamento indisciplinado de estudantes, reações hostis a psicólogos frustradores, e disposição dos estudantes para se aplicarem choques elétricos." (Op.cit.:193).

Staub (1975) em "Aprendizagem e Desaprendizagem de Agressão" considerou o papel da angústia, da empatia, da eficiência e dos valores sociais, em um estudo teórico onde concluiu que, os comportamentos agressivos podem ser provocados tanto por frustração, ameaças ou ataques, quanto por uma necessidade de vingança ou de equilíbrio referente ao dano físico ou fisiológico que o indivíduo sofreu por causa de ações dos outros; ou mesmo quanto à injustiça percebida contra si mesmo ou contra outros, surgindo assim o conceito de uma norma de reciprocidade, que abrange tanto ações de benefício, quanto ações de vingança contra um tratamento considerado injusto ou inadequado.

São várias as pesquisas que se situam dentro deste referencial teórico, embora seus objetos de estudo possam, aparentemente, variar. Citar-se-á aqui algumas pesquisas, que utilizando o binômio agressão-choque elétrico situam-se dentro dessa perspectiva.

Sebastian (1978) pesquisou os efeitos imediatos e retardados do sofrimento da vítima na agressão do atacante. O sofrimento era provocado por choques elétricos de intensidade va

riada. Como era previsto, os homens que estavam encolerizados no primeiro dia do experimento e que viram ou souberam do sofrimento de suas vítimas, não só ficaram mais punitivos com esta vítima, mas também foram mais agressivos com uma pessoa diferente no dia seguinte, do que os homens inicialmente não encolerizados. Uma segunda predição, a qual dizia que os homens encolerizados deveriam aumentar a intensidade de seus ataques contra os seus torturadores anteriores, também foi sustentada. Esses achados, tomados como um todo, são mais parcimoniosamente interpretados em termos de um hipotetizado processo de reforçamento. Para um indivíduo com raiva, os sinais e/ou o conhecimento do sofrimento de sua vítima podem estimular uma mais intensa e contínua agressão.

Na mesma linha, Stapleton et al. (1978) estudaram a percepção da agressão das pessoas, dando aos sujeitos observadores ingênuos, descrições de três cenários, que mostravam a interação de duas pessoas em um jogo de competição tempo-reação, envolvendo a troca de choques elétricos de várias intensidades. Os resultados mostraram que os observadores perceberam e classificaram igualmente os atores, assim um ator foi classificado como não agressivo, bom ou impotente na medida que a média da intensidade dos choques elétricos por ele aplicados era mais baixa do que a dos outros atores, e os atores eram classificados como agressivos, maus e potentes quando aplicavam altas intensidades de choque nos seus adversários.

Focalizando a percepção da vítima, Keer e Gross (1978) pesquisaram a situação e a personalidade como determinantes de uma identificação da vítima com um torturador. O que caracteriza este estudo é uma investigação da reação das vítimas ao seu torturador, mais do que a identificação com o agressor.

As reações comportamentais ao torturador serviram no presente estudo como variáveis dependentes, e foram classificadas em: conformidade de atitudes, imitação de comportamento e atração interpessoal. Apesar do espírito exploratório desse estudo, e por isso mesmo poucos resultados ou conclusões foram atingidos, a pesquisa mostrou que as reações de uma vítima para com seu torturador dependem das características do torturador, das características da vítima e do tipo de reação comportamental considerada. Mas, de forma geral, houve uma grande conformidade de opinião nas seguintes situações: quando o torturador adquiria seu papel de forma ilegítima, ou quando a vítima o considerava mau, ele recebia menos avaliações positivas, do que quando assumia legitimamente seu papel, e estava bem justificado no seu comportamento, havendo inclusive identificação das vítimas com ele. Neste trabalho, o instrumento de tortura era um forte e desagradável ruído.

Dengerink et al. (1978) analisaram o papel da evitação da agressividade através de respostas de ataque ou de não-ataque. Também nessa pesquisa houve uso de variadas intensidades de choque, e os sujeitos foram classificados pela característica de poder evitar um choque posterior pela não-agressão, como menos agressivos. Já aqueles que só poderiam evitar o choque se fossem agressivos, eram considerados mais agressivos. As conclusões reafirmaram a premissa de que a agressão é controlada por estimulação: as respostas agressivas foram muito mais prováveis e intensas depois de um ataque, do que as respostas à ausência de ataques.

Gaebelein (1978) também dedicou vários artigos ao estudo da não-cooperação dos sujeitos como resposta a instigação da agressão. Os sujeitos não-agressivos eram os que não apli

cavam choques apesar de serem instigados a fazê-lo.<sup>1</sup>

Não se estenderá aqui a descrição dessas pesquisas por focalizarem aspectos por demais específicos. Por hora ficamos com a posição de Singer sobre esse tipo de experimentos: "(...) ao criar uma situação complexa em que o sujeito tem uma resposta mínima de mal-estar do outro participante, e tem toda razão para acreditar que um professor universitário não lhe permitiria machucar seriamente outra pessoa, toda a situação adquire uma atmosfera de jogo". (Op.cit.:57).

Mais interessantes são as pesquisas dedicadas a percepção pessoal das pessoas envolvidas em um ato de violência. McArthur e Solomon (1978) baseadas na hipótese de que haveria uma tendência a atribuir causalidade a estímulos pessoais destacados na aparência das vítimas, e que tal fato deveria produzir uma tendência maior no observador a censurar uma vítima aparentemente mais destacada, do que uma vítima que não chamasse a atenção do ponto de vista físico, descobriram que tal efeito deveria ter importantes implicações sociais. Como por exemplo, os relatos de uma testemunha sobre a responsabilidade da vítima de um acidente, ou sobre as vítimas de um assalto, poderiam variar de acordo com as características das vítimas. Acabaram por concluir que, "indivíduos cujas aparências físicas desviam da norma em um ou vários atributos, irão criar impressões mais extremas e, serão percebidos como mais responsáveis pelo comportamento dos outros, do que aqueles cuja aparência é mais comum". (Op.cit.: 1.288).

Nessa mesma linha de pensamento, Calhoun et al em 1978, na Inglaterra, desenvolveram uma pesquisa cuja hipótese básica era a de que uma atraente vítima de estupro seria vis

ta como tendo desempenhado um papel mais decisivo em seu próprio estupro, do que uma vítima não atraente. A amostra da pesquisa constituiu-se de 73 estudantes de psicologia de ambos os sexos, e o instrumento era uma carta de um centro de proteção às vítimas de estupro, que relatava a vida da vítima e continha um retrato preto e branco da mesma. As conclusões a que chegaram estão de acordo com outras informações, que mostravam as diferenças de sexo nas reações sociais às vítimas de estupro. Os homens perceberam a vítima, mais do que as mulheres, como tendo um papel desencadeante no ataque sofrido. A atração física da vítima de estupro também influenciou as reações para com ela. À vítima mais atraente foi concedido um maior grau de aceitação social, do que à vítima não-atraente, porém os dados também indicaram que a vítima atraente foi percebida como desempenhando um grande papel na precipitação do estupro.

Diversas são as pesquisas que exploraram a percepção que tem o agressor de sua vítima, e as conseqüentes mudanças que esta percepção pode ter para a situação de ataque. Ahmed (1979) baseando-se em observações do dia a dia, concluiu que era difícil olhar para a vítima e ser cruel, olhar para uma pessoa alvo e dar-lhe avaliações negativas, olhar nos olhos de alguém e mentir-lhe. Assim, o propósito de seu estudo era mostrar como a visibilidade da vítima afetava a agressão, a trapaça e a dureza no trato com ela. Três hipóteses foram testadas: a primeira é a de que os indivíduos serão mais agressivos quando a vítima não é visível, do que quando está visível. (Uso de choques elétricos de intensidade variada). A segunda é a de que os indivíduos trapacearão mais quando a vítima está invisível do que quando é vista. (Uso de jogo de cartas que não poderia ser

ganho sem que houvesse trapaça). E a terceira é que os indivíduos serão mais duros e ásperos quando a vítima não está sendo vista, do que quando a vítima é vista. As três hipóteses foram confirmadas. Os indivíduos foram mais agressivos, trapacearam mais e foram mais ásperos quando a vítima estava invisível.

Existem alguns estudos sobre as medidas que podem ser tomadas para controlar a violência. Carroll (1978) baseando-se na "hipótese de prevenção" - uma das mais antigas e controversas colocações no controle do crime, a qual simplesmente hipotetizava que um aumento na certeza ou na severidade da punição para o crime, reduz sua incidência - analisou os pontos de vista da prevenção dos crimes potenciais, fazendo umas poucas e simples comparações e exames parciais das oportunidades do crime. É argumentado nesse trabalho, que os dados relevantes para o estudo das respostas às oportunidades criminosas são julgamentos individuais mais do que evidências estatísticas. Nesta pesquisa, sujeitos masculinos adultos e jovens, agressores e não-agressores estimaram três resultados de jogos consistindo em quatro dimensões: a) a probabilidade de um crime bem sucedido; b) o dinheiro obtido se o crime é bem sucedido; c) a probabilidade de captura; d) a pena se fosse preso. Os sujeitos basearam seus julgamentos primariamente, em uma única dimensão, e apenas pequenas diferenças existiram entre os tipos de sujeitos. Dinheiro foi a mais importante dimensão, seguido pela penalidade, probabilidade de sucesso e probabilidade de captura. Esses achados sugerem que tornar o crime menos lucrativo, em comparação às oportunidades não criminosas, pode ter efeitos mais fortes na média de crimes, do que aumentar a probabilidade e a severidade da punição.

Hart (1978) confrontou a "teoria da prevenção", que afirma ser a punição um meio efetivo na redução de ilegalidades futuras, com a "teoria classificatória" que espera um aumento da ilegalidade como resultado da punição. Examinando a relação entre crime e punição no Exército americano, mediante a punição dada pelos comandantes aos seus subordinados, o autor constatou que, em 50 companhias (grupos de 200 soldados), os comandantes puniam seus subordinados, particularmente os negros, como uma resposta à ilegalidade de comportamento, que eles atribuíam a esses subordinados, que por sua vez respondiam a essa punição nos meses seguintes, com um sentimento de injustiça, o qual os levava a desrespeitar a lei mais freqüentemente. As punições também aumentaram o número de exonerações prematuras dos soldados do exército.

Preocupados com a influência dos meios de comunicação, como a televisão e o cinema, sobre o comportamento agressivo manifesto, diversos autores pesquisaram a violência neles representada.

Donnerstein e Hallam em 1978, para examinar os efeitos de um estímulo altamente erótico na agressão contra mulheres, utilizaram filmes como instrumentos de pesquisa, onde os sujeitos homens eram enraivecidos por um homem ou mulher aliados ao experimentador, e expostos a um filme erótico, a um filme agressivo, e a um filme neutro. Após a exposição, eram dadas duas oportunidades aos sujeitos de agredir os aliados do experimentador. Foi encontrado que ambos os filmes - erótico e agressivo - aumentaram a agressividade contra os dois aliados durante a primeira e segunda oportunidades de agredir. Entretanto, o filme erótico facilitou a agressão contra o alvo feminino, duran



te as duas sessões de agressão. Assim, em suas conclusões, este experimento sugere que, sob certas condições, a exposição a formas de estímulo altamente eróticas pode facilitar respostas agressivas contra mulheres. Outras condições devem agir nas respostas agressivas do mesmo modo, e devem ser examinadas. Tais fatores como o conteúdo de filmes (p.ex.: agressividade, erotismo), e características de personalidade do indivíduo (p.ex.: insensibilidade sexual), parecem ser alguns dos muitos fatores que precisam ser melhor explorados. Mas, há evidência de que o erotismo nos filmes, pode ter um efeito no comportamento masculino dirigido às mulheres.

Usando filmes violentos, Perry et al (1978) chegaram a desenvolver um estudo sobre a participação consciente e espontânea dos sujeitos, como um determinante de respostas agressivas a filmes de violência. Os autores acabaram por concluir, que os sujeitos favoravelmente dispostos a participar de experimentos psicológicos, tenderiam a se preocupar em agir de acordo com as exigências necessárias, mas somente quando acreditavam que a hipótese do experimentador era razoável. Logicamente, tal fato influenciou as respostas de agressão obtidas.

Singer (1975) estudando a influência da violência representada na televisão ou no cinema, faz várias objeções ao conteúdo destrutivo e violento nos meios populares de comunicação. Entre as principais estariam: a) a apresentação excessiva de violência pode criar uma idéia errada no público quanto à frequência e os tipos de violência real; b) as apresentações de atividades criminosas podem dar aos indivíduos informação de meios inteligentes e eficientes para se cometer crimes; c) a excitação de esperanças de realização ou de ganhos materiais que

são inevitavelmente frustrados, despertando agressão, podem o correr em espectadores de baixa renda. No conjunto, os resultados de levantamentos feitos em várias pesquisas reexaminadas por Singer, levaram-o a concluir que "o grande peso de conteúdo agressivo na maioria dos meios de comunicação de massa é um fato, mas os dados existentes não nos permitem dizer se tem ou não um impacto nas ações violentas reais". (Op.cit.: 69).

Pode-se inferir a partir de todas essas pesquisas, que o estudo científico dos fenômenos ligados a agressão, foi quase sempre realizado em laboratórios. Através de inventivos métodos experimentais, dispõe-se atualmente de uma considerável quantidade de estudos especializados, os quais sofrem, porém, grandes restrições de controle, daí o seu artificialismo. Essas pesquisas possuem seqüências complexas de procedimentos, que parecem estar muito distantes do curso normal de acontecimentos da vida real. São poucos os pesquisadores que não estão isolados dos campos de ação social, como Bard (1975) que pesquisou a violência na família, utilizando policiais especialmente treinados para atender esse tipo de ocorrência; ou como Toch (1970), que focalizou atenção nas interações violentas entre oficiais da polícia e cidadãos suspeitos.<sup>2</sup>

O que se verifica, é que reduzida atenção foi dada a vítima real da violência. As pesquisas limitaram-se a estudar as possíveis origens, causas e mecanismos da agressão. Paradoxalmente a vítima é quase sempre vista como agente provocador da agressão sofrida.

Tal visão, tendenciosa e limitada, necessita urgentes reformulações, para que haja melhor entendimento do crescente fenômeno social chamado violência urbana.

## NOTAS EXPLICATIVAS

- 1- Scheier et al (1978) estudaram a relação entre a consciência de si mesmo, e a auto-opinião sobre agressividade, mediante manifestações do comportamento agressivo através do uso de choques elétricos. Geen (1978) pesquisou a influência do barulho como instigador de comportamentos agressivos, expressos através da aplicação de choques de duração variada.
  
- 2- Baron & Ransberger (1978) analisaram a influência da elevação da temperatura na ocorrência de violência coletiva. Shah (1978) pesquisou a periculosidade como um paradigma legal e psicológico, e Monahan et al (1978) fizeram um relatório sobre a força de trabalho e o papel do psicólogo no sistema judiciário criminal.

CAPÍTULO III - A CONSTRUÇÃO DIALÉTICA DA IDENTIDADE

Em sua teoria de Aprendizagem Social, Bandura (1978) tenta resolver o impasse criado pelas explicações unidirecionais da natureza humana. Como ficou claro anteriormente, as análises do comportamento, em geral, acentuam ou os determinantes internos, ou os ambientais como causas do comportamento humano.

A proposta de Bandura é a de que os processos causais do comportamento humano, sejam conceitualizados em termos de um determinismo recíproco entre três fatores. Dentro dessa perspectiva, o homem é possuidor de um auto-sistema cujo funcionamento envolve uma contínua interação recíproca entre as influências comportamentais, cognitivas e ambientais. Um auto-sistema, dentro da teoria da Aprendizagem Social, compreende estruturas cognitivas e sub-funções para a percepção, avaliação e regulação do comportamento, e não um agente psíquico que controla a ação.

É mister esclarecer, que o termo "Determinismo" é usado nesta teoria "para significar a produção de efeitos pelos eventos, mais do que no sentido comum de que as ações são completamente determinadas, por uma seqüência anterior de causas independentes do indivíduo. Devido à complexidade dos fatores que interagem, os eventos produzem efeitos probabilistas mais do que inevitáveis." (Op. cit.: 345).

Uma análise completa do determinismo recíproco requer o exame de como os três conjuntos de fatores - cognitivos, comportamentais e ambientais - interagem reciprocamente entre si.

A teoria da Aprendizagem Social não despreza os determinantes internos do comportamento. Dentro desse enfoque, tais

determinantes são tratados como fatores integrais e dinâmicos no processo causal, e não como estáticas dimensões particulares. Assim, a maioria das influências externas afetam o comportamento, através de processos cognitivos intermediários.

Os fatores cognitivos determinam, parcialmente, quais eventos externos serão observados, como eles serão percebidos, se eles têm efeitos permanentes, qual a valência e eficácia que possuem, e como a informação que contém, será organizada para uso futuro.

Por alterar o ambiente próximo, por criar auto-incentivos cognitivos (na visão da aprendizagem social, os incentivos auto-regulados modificam a atuação do indivíduo, principalmente através de suas funções motivacionais, muitos comportamentos humanos são regulados através das conseqüências auto-avaliadas na forma de auto-aceitação, orgulho, auto-insatisfação, auto-crítica etc.), a pessoa pode exercer alguma influência sobre seus próprios comportamentos; por isso um ato inclui, entre seus determinantes, influências auto-produzidas.

Por suas ações, as pessoas têm um papel na criação do meio social, e de outras circunstâncias que surgem em suas transações diárias. Por sua vez, o ambiente influencia o comportamento dos indivíduos. Daí a constatação, dentro desse enfoque, de que o funcionamento psicológico envolve interação recíproca e contínua entre as influências comportamentais, cognitivas e ambientais. Fica claro, porém, que a influência desempenhada pelos três fatores interligados, é relativa. Ela irá variar em diferentes indivíduos e em diferentes circunstâncias. Em determinados casos um fator será preponderante aos outros.

O determinismo recíproco é proposto nesta teoria, como

um princípio analítico básico, para examinar o fenômeno psicossocial ao nível do desenvolvimento intrapessoal (nele as concepções das pessoas influenciam o que elas percebem e fazem, e suas concepções são, em troca, alteradas pelos efeitos de suas ações e das conseqüências observadas pelos outros); das transações interpessoais (como as pessoas determinam reciprocamente as ações umas das outras, embora a mutualidade do comportamento possa ser o foco do estudo, os processos recíprocos envolvem tanto cognição quanto ação); e das funções interativas e organizacionais dos sistemas sociais.

Um dos principais méritos do trabalho de Bandura, consiste na tentativa de explicar os comportamentos humanos em termos de um processo contínuo. Contudo, carece de aprofundamento no estudo do que seja a realidade social na qual o homem se insere, bem como do conhecimento que o homem possui desta realidade. Partindo da premissa de que qualquer exame que se faça da sociedade, no qual sejam esquecidos os fatos de que a sociedade é um produto humano e uma realidade objetiva, e o homem é um produto social, será um exame distorcido; Berger e Luckmann (1978) em A Construção Social da Realidade, passam de uma análise do conhecimento que o homem comum tem da vida cotidiana, para uma teoria da sociedade como processo dialético entre a realidade objetiva e subjetiva.

Apesar de reconhecerem que, "as formulações teóricas da realidade, quer sejam científicas ou filosóficas quer sejam até mitológicas, não esgotam o que é "real" para os membros de uma sociedade" (Op. cit.: 29), os autores definem realidade como "uma qualidade pertencente a fenômenos que reconhecemos terem um ser independente de nossa própria volição", - não se pode querer

que eles não existam; e definem conhecimento "como a certeza de que os fenômenos são reais e possuem características específicas." (Id. *ibid.*: 11).

A sociedade é uma realidade simultaneamente objetiva e subjetiva, e por isso, deve ser compreendida como processo dialético composto de três fases: exteriorização, objetivação e interiorização.

Na vida de cada membro individual da sociedade existe uma seqüência temporal, ao longo da qual, ele é levado a tomar parte na dialética do mundo social. O início deste processo consiste na interiorização, que é "a apreensão ou interpretação imediata de um acontecimento objetivo como dotado de sentido" (Id. *ibid.*: 174).

A interiorização, em termos gerais, serve de fundamento para a compreensão das outras pessoas, além de ser essencial para a apreensão do mundo como realidade social possuidora de sentido. Em sua forma mais complexa, a interiorização engloba a compreensão dos processos subjetivos do outro, e também do mundo no qual ele vive, passando então a existir uma contínua identificação mútua entre os sujeitos, que compartilham o mesmo mundo. Ao alcançar esse grau de interiorização, o indivíduo se torna membro da sociedade. O processo pelo qual isto ocorre é a socialização, definida como "a ampla e consistente introdução de um indivíduo no mundo objetivo de uma sociedade ou de um setor dela." (Id. *ibid.*: 175).

Existem dois tipos de socialização: a primária, que é a primeira socialização vivida na infância, e que torna o sujeito membro da sociedade; e a secundária definida como qualquer

processo posterior, que leva o indivíduo já socializado a participar de novos segmentos do mundo objetivo de sua sociedade.

Na socialização primária, o indivíduo que já nasceu em uma determinada estrutura social objetiva, passa a conviver com outras pessoas significativas - pais ou responsáveis - que são encarregadas de socializá-lo, e que irão definir sua situação dentro da realidade social objetiva. Este processo implica, além do aprendizado cognitivo, um alto grau de emoção. A criança identifica-se com os outros que lhe são significativos, mediante uma ampla rede de emoções.

Sejam quais forem os modos, a interiorização só se realiza quando há identificação. A criança ao incorporar os papéis e atitudes dos seus responsáveis, também os interioriza, tornando-os seus. É mediante essa identificação com os outros que a criança é capacitada para identificar a si mesma, e possuir uma identidade subjetivamente coerente e possível. "A personalidade é uma entidade reflexa, que retrata as atitudes tomadas pela primeira vez pelos outros significativos com relação ao indivíduo, que se torna o que é pela ação dos outros para ele significativos." (Id. ibid.: 177).

Tal processo se dá de forma dialética, tanto no que concerne a identificação pelos outros e a auto-identificação, quanto no que se refere a identidade objetivamente atribuída e a identidade subjetivamente apropriada. ("Eu sou fulano").

O processo de socialização primária tem seu término, quando a criança é capaz de abstrair dos papéis e atitudes das pessoas para ela significativas, a generalização para todas as outras pessoas. Esta abstração é chamada "o outro generalizado", e marca uma etapa decisiva na socialização visto que, "sua forma



ção na consciência significa que o indivíduo identifica-se agora não somente com os outros concretos, mas com uma generalidade de outros, isto é, com uma sociedade." (Id. *ibid.*: 178). O indivíduo passa então a ter uma identidade geral, subjetivamente apreendida como invariável e contínua, não dependente de seus outros significativos. Consolidam-se então, no mesmo processo de interiorização subjetiva, a sociedade, a identidade e a realidade.

É a linguagem o principal meio desse progressivo processo de correspondência entre a realidade objetiva e a subjetiva, visto que por meio dela são assimilados vários esquemas motivacionais e interpretativos, possuidores de valor institucional definido, para uso futuro e imediato. (p.ex.: ser valente ou covarde; a explicação do porque deve-se agir ou não de alguma forma; a conscientização das conseqüências de cada ação etc.).

Obviamente, a socialização primária implica seqüências de aprendizagem socialmente definidas, pois cada sociedade reconhece o que uma determinada idade da criança lhe permite fazer ou aprender, respeitando-se assim suas limitações biológicas. Também os conteúdos específicos que são interiorizados nessa fase irão variar de sociedade para sociedade.

É reconhecido, que embora o término da socialização primária implique na interiorização da sociedade, da identidade e da realidade, esta não se faz de maneira definitiva. "A socialização nunca é total nem está jamais acabada." (Id. *ibid.*: 184).

A socialização secundária torna-se necessária quando surge a divisão do trabalho e, simultaneamente, a distribuição social do conhecimento. Nela o indivíduo adquire o conhecimento de funções específicas, que são direta ou indiretamente fundamentadas na divisão do trabalho. "A socialização secundária é a in

teriorização de "sub-mundos" institucionais ou baseados em instituições." (Id.ibid.: 184). Tais "sub-mundos" são realidades parciais quando comparados com o "mundo básico" adquirido na socialização primária. Necessitam também serem acompanhados de símbolos rituais ou materiais para serem legitimados. Para que essa nova realidade seja interiorizada, necessita que seus conteúdos sejam coerentes com os anteriormente interiorizados na socialização primária.

Nesse processo de socialização, ao contrário da socialização primária, não é necessária a identificação da criança com os outros significativos, sendo necessária apenas a quantidade de identificação recíproca, inserida em qualquer comunicação entre seres humanos. Assim os professores são simplesmente funcionários institucionais, com a função de transmitir conhecimentos específicos. "As funções da socialização secundária têm um alto grau de anonimato, sendo portanto facilmente destacáveis dos executantes individuais." (Id.ibid.: 189-190). Desta forma, um professor pode ser substituído por outro sem que o conhecimento ensinado seja alterado.

A realidade interiorizada pela socialização primária é tida como inevitável. Essa interiorização só é bem sucedida, se o sentimento de inevitabilidade estiver sempre presente na vida cotidiana do sujeito. Porém, o mundo da vida diária está constantemente ameaçado pelas situações marginais da vida humana que não são incluídas na vida cotidiana. Já a realidade subjetiva interiorizada pela socialização secundária, por sua natureza mais artificial, é ainda mais fraca diante dos desafios da realidade, podendo ser modificada mais facilmente (p.ex.: é mais fácil ir trabalhar sem gravata, do que ir trabalhar sem roupa).

Existem dois tipos de conservação da realidade, a conservação rotineira (possui a função de manter a realidade interiorizada na vida cotidiana); e a conservação crítica (manutenção da realidade em situações de crise).

A realidade da vida cotidiana "mantém-se pelo fato de corporificar-se em rotinas, o que é a essência da institucionalização." (Id. ibid.: 198). Além disso, ela é reforçada através da interação recíproca dos indivíduos. Neste processo de conservação da realidade, todas as pessoas encontradas pelo indivíduo em sua rotina diária, reafirmam sua realidade subjetiva, sendo que as pessoas significativas (mais próximas e mais queridas) ocupam uma posição central nesse processo, na medida em que estão constantemente confirmando a identidade do indivíduo, dando-lhe confiança para acreditar que é a pessoa que julga ser. "A conservação e a confirmação da realidade implicam assim a totalidade da situação social do indivíduo, embora os outros significativos ocupem uma posição privilegiada nestes processos." (Id. ibid.: 201).

A importância dos outros significativos, pode ser avaliada se for analisada nos casos de "desconfirmação" da realidade subjetiva. É claro que um ato desconfirmador praticado por algum familiar será mais poderoso do que um ato parecido praticado por um conhecido, ou por um estranho.

A maneira mais importante de conservação da realidade é a conversa, que possui a função de modificar, reconstruir e manter continuamente a realidade subjetiva. "A linguagem objetiva o mundo", ao transformar a experiência em uma ordem lógica. "No estabelecimento desta ordem a linguagem realiza um mundo, no duplo sentido de apreendê-lo e produzi-lo." (Id. ibid.: 204).

Na situação de crise os processos são basicamente os

mesmos que na conservação rotineira, com a exceção de que as confirmações da realidade devem ser explicitadas e intensificadas . "Frequentemente são postas em jogo técnicas rituais. Embora o indivíduo possa improvisar procedimentos de sustentação da realidade em face da crise, a própria sociedade institui procedimentos específicos para situações reconhecidas como capazes de implicar o risco do colapso da realidade. Nestas situações pré-definidas acham-se incluídas certas situações marginais, das quais a morte é de longe a mais importante." (Id.ibid.: 207).

Goffman (1975) ao estabelecer os mecanismos pelos quais se interrelacionam a personalidade individual, a interação social e a sociedade, mostrou como a ruptura no funcionamento de uma dessas estruturas afeta cada uma delas.

A nível individual, do ponto de vista da personalidade do indivíduo, o autor verificou que; "o indivíduo pode envolver profundamente o seu eu em sua identificação com um determinado papel, instituição ou grupo, e em seu conceito de si mesmo como alguém que não rompe a interação social ou desaponta as unidades sociais que dependem dessa interação. Quando acontece uma ruptura, portanto, verificamos que as concepções de si mesmo em torno das quais foi construída sua personalidade podem ficar desacreditadas." (Op.cit.: 222-223). Esta abordagem constitui uma outra forma de mostrar como em situações de crise, a manutenção da realidade subjetiva, torna-se difícil para o sujeito, que passa então a manifestar um quadro de perturbação da consciência de si mesmo.

Augras (1970) cita o que para Jaspers seriam as quatro características fundamentais da consciência de si: "a alteridade (sou diferente do outro), o sentimento da atividade (a

tuo, logo existo), a identidade (sou o mesmo), e a unidade (em determinado momento, sou um só)." (Op.cit.: 62).

Falar de consciência implica falar em experiência, que não podem ser dissociadas, se existe a pretensão de se compreender o homem em sua totalidade. "O conhecimento ou o saber implica uma dialética constante entre a consciência e a experiência." (Jolif, 1970: 239).

A consciência é sempre intencional, sempre está "dirigida para". Contudo, "consciência de si e consciência do mundo são dois enfoques do mesmo fenômeno. A realidade humana exprime-se na sua dimensão de ser no mundo." (Augras, 1978: 21).

É necessário pois, que se fale das dimensões existenciais da experiência. O homem através de sua fala fornece o material para a compreensão de suas vivências: "a sua história (o tempo), o seu corpo (o espaço), a sua estranheza (o outro), o seu fazer-se (a obra)." (Id.ibid.: 25). Analisaremos apenas as dimensões tempo e espaço.

A temporalidade é uma propriedade intrínseca da consciência. A corrente da consciência é sempre ordenada temporalmente. Passado, presente e futuro estão presentes na experiência humana.

O processo biológico nos remete a uma perspectiva tanto do passado, quanto do futuro, vividos no presente. O homem carrega consigo a herança genética de seus antepassados, por outro lado tais gens também irão caracterizar sua descendência. O futuro também é vivido pela constatação do envelhecimento celular que leva a morte. O funcionamento biológico implica assim na ambigüidade do processo temporal, por envolver simultaneamente construção e destruição, passado e futuro.

"O tempo antes definido como dimensão significativa do ser, vê então a sua origem revelada: o tempo é criação do homem, não apenas na forma de parâmetro que facilita a ordenação das ações humanas, mas sobretudo como tentativa de negar a morte." (Id. ibid.: 32).

Dentro da perspectiva do presente trabalho o tempo é, porém, definido como a sucessão dos anos, dos dias, das horas, etc., que envolve, para o homem, a noção de presente, passado e futuro.

O espaço tem sido objeto de inúmeros estudos. Os etologistas postulam a existência de uma distância individual obrigatória para garantir a conservação das espécies. Ardrey postulou a existência de um "imperativo territorial", baseado no fato de que haveria uma motivação interna muito poderosa, da qual não é possível escapar, que coloca a necessidade de ter e ocupar um território no âmago da existência animal (e por analogia direta também na do homem).

"O território representa, em última análise, o local de segurança para o indivíduo e a garantia de sua integridade e existência". (Moreira, 1982: 180). Assim como os animais, os seres humanos tentam demarcar e por limites nos territórios que ocupam. Mas na dinâmica do espaço humano, "as dimensões do espaço são criadas a partir das extensões do corpo. O ser é o seu centro. O espaço é aberto e orientado pela movimentação do ser dentro do mundo." (Augras, 1978: 39).

Observando-se os ocupantes dos modernos conjuntos habitacionais (com enormes fileiras de casas idênticas), nota-se que estes personalizam os seus espaços individuais através de uma decoração com toques pessoais seja nos interiores ou no exte

rior de suas propriedades. O homem constrói assim seu espaço.

A casa por sua função de proteger, e por ser uma extensão do indivíduo, torna o homem o centro desse espaço. Assim como a casa, "o corpo estabelece o espaço interno, ao mesmo tempo que funciona como elemento de comunicação com o espaço externo. É limite do indivíduo e fronteira do meio." (Id. *ibid.*: 42).

Se o espaço próprio, vital do indivíduo, é uma extensão de seu corpo, qualquer violação deste espaço pode provocar um sentimento de perda do "eu" do indivíduo, visto que, a garantia de sua identidade fica ameaçada. "O espaço próprio, sendo extensão do corpo, não pode ser invadido. Constitui condição imprescindível de sobrevivência tal como os limites corporais. É, textualmente, o espaço vital, cuja extensão deve ser mantida, custe o que custar. Toda a história do mundo é escrita em termos de manutenção e expansão do território, e em nenhum outro campo a transgressão dos limites acarreta mais dores e sofrimentos." (Id. *ibid.*: 40).

Sussman e Rosenfeld (1978) desenvolveram uma pesquisa sobre violação espacial, apoiando-se nos estudos de Hall que designavam zonas discretas do espaço interpessoal apropriadas aos níveis de intimidade dentro de uma cultura. Investigaram variáveis esperadas como afetando as reações dos sujeitos à entrada de pessoas estranhas em suas zonas de intimidade. As violações na zona íntima de Hall, foram previstas como sendo mais aversivas aos homens quando acompanhadas por contato físico, e na ausência de uma justificativa psicológica anterior. As reações aversivas foram medidas pelos decréscimos no desempenho de uma tarefa e pela preferência por esta. Como era previsto, o toque sem justificativa resultou em um desempenho significativamente

mais baixo na tarefa. A conclusão foi que a teoria proxêmica de veria ser elaborada levando-se em conta os efeitos do toque, da justificativa e do sexo do "invasor".

As abordagens anteriores configuram um quadro, no qual o homem pode ser compreendido dentro de um enfoque, que considere a dialética da relação indivíduo-sociedade, como um sistema de influências recíprocas e contínuas.

É dentro da perspectiva humanística na teorização sociológica de Berger e Luckmann, que em muito se apoia no enfoque da fenomenologia existencial, mediante a influência de Schutz, que se desenvolverá o nosso exame do homem, definido como ser social, cuja identidade se constrói em sua relação dialética com a sociedade.



## CAPÍTULO IV - METODOLOGIA

Dentro da perspectiva de Berger e Luckmann, a realidade da vida cotidiana é sustentada pelo fato de consolidar-se em rotinas, e de ser continuamente reafirmada na interação do indivíduo com os outros.

A realidade é interiorizada e mantida na consciência pelos processos sociais. Desta forma, os processos sociais refletem o fato básico de que, a realidade subjetiva possui uma relação socialmente definida com a realidade objetiva.

A identidade se constitui no elemento fundamental da realidade subjetiva, necessitando também ser conservada e confirmada pela estrutura social, para que continue existindo.

### 4.1 - MODELO

Configurado como estudo que se propõe a sondar possíveis modificações na realidade subjetiva das vítimas de violência urbana, foi feita uma pesquisa de campo, do tipo ex post facto, uma vez que a amostra do grupo experimental é composta por sujeitos que já foram vítimas de atos violentos.

Cabe esclarecer, que neste trabalho, não se tem propriamente variáveis em sentido estrito, mas variáveis em sentido genérico. A variável independente é definida pelo fato de ter sofrido algum tipo de violência, e as variáveis dependentes se constituem nos efeitos produzidos pelo fato de ter sido vitimado.

Assim, o modelo operacional seguido, se define em um estudo exploratório de campo, com fins normativos, pois recorreu-se a construção de um grupo de controle, formado por sujeitos

tos não vítimas, para uma melhor avaliação das variáveis em termos de dependência causal.

#### 4.2 - HIPÓTESES

Partindo da premissa que, sofrer algum tipo de violência praticada por um estranho, constitui, dentro da abordagem proposta, uma quebra na rotina da realidade da vida cotidiana, além de ser uma ameaça à conservação desta realidade, tal fato pode ser definido como uma situação de crise, que implicaria no risco de colapso da realidade.

Existem diversos fatores envolvidos na vivência dessa situação marginal. Alguns deles fizeram parte da metodologia, por nos parecerem capazes de fornecer uma melhor contribuição para explicitar o problema em estudo. São eles: 1) sentimento de perda da identidade; 2) sentimento de medo da morte; 3) sentimento de insegurança perante a realidade. Em tese, todos esses fatores, juntos ou separados, provocariam transformações na consciência de si, na auto-aceitação, na auto-estima, na percepção dos limites do espaço e do tempo, na percepção do outro e do mundo social.

A partir dos objetivos e com base na exposição teórica, presumiu-se que após ter havido a vivência de uma situação de crise, seriam encontrados altos níveis de sentimentos de perda da identidade, de medo da morte, e de insegurança perante a realidade no grupo de vítimas da violência diferencialmente do grupo de não vítimas, que não apresentaria tais sentimentos. Supôs-se também, que estes níveis variariam de acordo não só com o tipo de ato com que foi vitimado, mas também por todos os aspectos

tos circunstanciais que envolveram o mesmo, bem como pelo número de vezes em que o indivíduo foi vítima.

Dos pressupostos anteriores, pôde-se derivar as seguintes hipóteses operacionais:

Hipótese 1: A média dos escores obtidos na escala de auto-estima é significativamente menor no grupo de vítimas do que no grupo de não vítimas.

Hipótese 2: As médias dos escores de desintegração da figura humana obtidos no Teste do Desenho da Figura Humana são maiores no grupo de vítimas, do que no grupo de não vítimas.

Hipótese 3: Ao contrário do grupo de não vítimas, as entrevistas mostram que, o grupo de vítimas sofre transformações na consciência de si.

Hipótese 4: Ao contrário do grupo de não vítimas, as entrevistas mostram que, o grupo de vítimas sofre transformações na percepção dos limites espaciais e temporais.

Hipótese 5: Ao contrário do grupo de não vítimas, as entrevistas mostram que, o grupo de vítimas sofre transformações na percepção do outro.

Hipótese 6: Ao contrário do grupo de não vítimas, as entrevistas mostram que, o grupo de vítimas sofre transformações na percepção do mundo social.

#### 4.3 - PROCEDIMENTOS E SUJEITOS

O trabalho de campo foi desenvolvido em uma Delegacia de Polícia situada em bairro da zona sul da cidade do Rio de Janeiro, onde era aguardada a chegada das pessoas que fossem a

presentar queixas relativas a qualquer ato de violência, desde que praticado por indivíduos que fossem inteiramente desconhecidos dessas pessoas. Cabe o esclarecimento de que, na Delegacia era apenas combinado um encontro posterior, em local e data escolhidos pelos sujeitos, para então se proceder a aplicação dos instrumentos.

Foram considerados preferencialmente, os tipos de violência que envolvessem um contato direto da vítima com o agressor, sem a exclusão, porém, dos casos de furto. As pessoas teriam que ser residentes no Estado do Rio de Janeiro, de nacionalidade brasileira, com idade mínima de 18 anos e máxima de 60 anos.

Por força dessa situação específica, foram entrevistadas, exclusivamente, as pessoas que concordaram em prestar-se à investigação, até chegar-se a um número aceitável de sujeitos.

Ocorre que a composição do grupo experimental (vítimas) demorou nove meses, pela interferência de diversas dificuldades.

Em primeiro lugar, enfrentou-se a barreira criada pelos próprios policiais, que mantiveram uma postura defensiva, escaoteada em atitudes benevolentes, através da qual conservaram a pesquisadora "em observação" por aproximadamente três meses, nos quais foi praticamente impossível a aproximação com as vítimas, visto que a psicóloga era imediata e sutilmente afastada da situação para "tomar um café", ou "bater um papo", onde invariavelmente a conversa girava em torno dos objetivos de sua presença no local.

Após ter sido estabelecida uma relação de confiança, expressa mediante manifestações de grande indiferença à presença

da pesquisadora, deparou-se com uma segunda dificuldade, que se refere ao tipo de violência sofrida. Por estar a Delegacia situada próxima à praia, era grande o número de turistas estrangeiros e brasileiros que iam prestar queixas de furtos na praia ou nos automóveis estacionados nas imediações, bem como de donas de casa acusando suas empregadas, de elementos envolvidos em brigas nos bares, de desentendimentos familiares, de crianças violentadas por "vizinhos maníacos" (sic) e outras variações, que não se enquadravam nos propósitos do estudo em questão. Constatou-se então, que de modo geral, as vítimas de violência urbana do tipo roubo, assalto ou estupro por exemplo, não costumam procurar a polícia, só o fazendo quando estão implicadas a perda de documentos, ou a intervenção de companhias de seguro. Ou seja, quando existem pendências legais.

Entretanto, a maior dificuldade encontrada, foi a de estabelecer contato com as pessoas, cujos casos se inseriam nos objetivos da pesquisa. Ao serem abordadas pela pesquisadora, elas mostravam-se arredias, desconfiadas, ou extremamente irritadas e agressivas, ou o que é pior: muitas delas forneceram nomes, números de telefone ou endereços fictícios, como forma de livrar-se da situação. Mas, lamentavelmente, não foi registrado o número de pessoas que se recusaram a cooperar com a pesquisa.

A maior apreensão das pessoas consistia na crença de que a psicóloga possuísse algum tipo de vínculo com a polícia, e muitas delas negavam-se a dar endereço ou nome completo aos próprios policiais, por medo de serem chamadas posteriormente para reconhecimentos de marginais e sofrer possíveis represálias.

Há que se ressaltar, contudo, a irrestrita colaboração prestada pelas vítimas que consentiram em fornecer seus de

poimentos, mas foram poucos os casos em que isto ocorreu, haja visto o pequeno número de 25 sujeitos obtidos (o projeto inicial da pesquisa previa um grupo formado por 30 sujeitos vítimas); e o tempo necessário para a construção desse grupo.

Uma vez composto o grupo experimental, este se distribuiu em dez tipos de violência sofrida, que são em ordem decrescente:

- . 7 casos de assalto no interior do ônibus
- . 4 casos de assalto dentro de casa (com sequestro)
- . 3 casos de assalto na rua
- . 3 casos de roubo de carro
- . 2 casos de roubo de carro com sequestro
- . 2 casos de assalto no interior do carro
- . 1 assalto no interior de um edifício
- . 1 estupro
- . 1 arrombamento da casa na ausência do proprietário
- . 1 furto de motocicleta

Note-se que somente nos dois últimos casos, não houve um confronto pessoal das vítimas com os ladrões. Deve-se observar também, que os tipos de violência e suas freqüências neste grupo, não podem ser generalizados em termos de servirem como base para inferências estatísticas, visto que os estudos disponíveis sobre a freqüência dos diversos tipos de violência urbana existentes no Estado do Rio de Janeiro não especificam os locais das ocorrências, nem distinguem detalhadamente todos os tipos, além do fato de ter sido o nosso grupo construído empiricamente, mediante a aquiescência das vítimas, pode-se então, considerar como casual a alta incidência de assaltos no interior do ônibus por exemplo.

Os dados referentes a violência neste Estado se encontram no quadro a seguir.

INFRAÇÕES PENAIS NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - 1980/81

Área	Total de Crimes	Homicídio			Lesão Corporal		Furto		Roubo		Estelionato	Violência sexual*	Entorpecentes**	Outros crimes***
		Do lo- so	Cul- po- so	Ten- tat- va	Do lo- sa	Cul- po- sa	Em ge- ral	De au- to	Em ge- ral	De au- to				
1980 Estado	156.992										7.180	1.446	1.415	11.362
1981	161.130	3.009	2.044	963	29.953	27.488	46.782	7.969	27.166	8.318	2.668	1.580	1.497	17.980
Região Metropo- litana	129.691	2.817	1.585	776	22.247	22.316	34.534	6.306	28.585	9.074	6.471	1.278	1.131	7.951
1981	130.430	2.589	1.504	679	23.930	22.667	35.301	6.731	25.539	8.057	1.950	1.395	1.216	13.660

\* Estão englobados "Estupro" e "Atentado Violento ao Pudor".

\*\* Posse, uso ou tráfico de substâncias dessa natureza.

\*\*\* Não estão especificados.

FONTE: ANUÁRIO ESTATÍSTICO-1982 DA SECRETARIA DE ESTADO DE SEGURANÇA PÚBLICA - ESTADO DO RIO DE JANEIRO (DEZ. 1982, p. 5).



Com base nas características encontradas no grupo experimental, foi construído o grupo de controle - formado por 25 indivíduos não vítimas, respeitando-se rigorosamente seis categorias selecionadas para que os dois grupos pudessem ser comparados. Estes indivíduos foram, em sua maioria, localizados em uma empresa estatal e, em duas outras médias empresas por pessoas que nelas trabalham, assim como fizeram parte deste grupo 5 pessoas do conhecimento pessoal da pesquisadora. Desta forma, os 50 sujeitos da amostra total foram classificados quanto as seguintes categorias:

- sexo.

- idade: a) 19 - 28 anos

b) 29 - 38 anos

c) 39 - 48 anos

d) 49 anos em diante.

- residência: toda a amostra está contida na região metropolitana do Rio de Janeiro que foi dividida em:

a) Zona Sul (Copacabana, Flamengo, Ipanema, Lagoa, Laranjeiras, Urca).

b) Zona Norte e Região Suburbana (Bonsucesso, Cachambi, Engenho Novo, Lins, Maracanã, Penha, Realengo, Riachuelo, Senador Camará, Tijuca, Vila Isabel).

c) Municípios (Duque de Caxias, Mangaratiba, Niterói, São Gonçalo).

- nível de escolaridade: foi considerada a seguinte divisão educacional:

a) primário (4 primeiras séries do 1º Grau)

b) primeiro Grau (4 últimas séries do 1º Grau)

- c) segundo Grau (ensino médio)
- d) superior incompleto (universidade)
- e) superior completo (graduação)

- profissão:

- a) estudantes (pessoas sem rendimento próprio)
- b) profissionais de nível médio (secretária, auxiliar de escritório, bancário etc.)
- c) profissionais de nível superior (pessoas que exercem a profissão na qual se graduaram)
- d) técnicos especializados (operadores de máquinas, pessoas que prestam assistência técnica)

- estado civil: só apareceram três categorias a saber:

- a) solteiro
- b) casado
- c) viúvo

A distribuição dos sujeitos nessas categorias foi a seguinte de acordo com o quadro a seguir:

DISTRIBUIÇÃO DOS SUJEITOS AMOSTRAIS POR CATEGORIAS (n=50)

	SEXO		IDADE				RESIDÊNCIA			NÍVEL DE ESCOLARIDADE					PROFISSÃO				ESTADO CIVIL		
	F	M	a	b	c	d	Z.S.	Z.N. R.S.	M	P.	1ºG.	2ºG.	S.I.	S.C.	a	b	c	d	s	c	v
G.E.	17	8	13	5	5	2	13	9	3	2	3	7	4	9	4	12	7	2	16	8	1
G.C.	17	8	12	6	5	2	13	9	3	2	3	7	4	9	4	12	7	2	14	10	1
Sub- Total	34	16	25	11	10	4	26	18	6	4	6	14	8	18	8	24	14	4	30	18	2
Total	50	50	50	50	50	50	50	50	50	50	50	50	50	50	50	50	50	50	50	50	50

#### 4.4 - INSTRUMENTAÇÃO

Foram utilizados três tipos de instrumento. Partindo da premissa de que, a auto-estima (ou auto-aceitação) é um dos mais fortes componentes do sentimento de identidade, mediu-se esta variável através de uma escala de auto-estima.

Pressupondo que o espaço próprio, vital do indivíduo, é uma extensão de seu corpo, conclui-se que, qualquer invasão a este espaço pode provocar um sentimento de perda do "eu". Utilizou-se então o Teste do Desenho da Figura Humana, que por ser a representação do corpo no espaço gráfico, possibilita um melhor exame de como o indivíduo percebe seus limites e sua fronteira com o ambiente.

Considerando-se que é através da fala que os indivíduos fornecem o material necessário para a análise das suas vivências, foi também usada a técnica de entrevista.

Os instrumentos são descritos a seguir, quanto a fundamentação teórica e procedimentos adotados em cada um deles.

#### 4.4.1 - ESCALA DE AUTO-ESTIMA

##### AUTO-ESTIMA: TENTATIVA DE DEFINIÇÃO

A conceituação de auto-estima muitas vezes é utilizada em termos de auto-aceitação, não existindo, ainda hoje, apesar da popularidade do termo, uma definição teórica ou operacional básica.

Para Crandall (1973): "Auto-estima é definida simplesmente como afeição e respeito por si próprio. Auto-aceitação significa aceitação de si próprio. Auto-aceitação e auto-estima estão empiricamente e conceitualmente relacionadas. Em geral, auto-aceitação pode ser considerada uma base necessária - mas não suficiente - para uma grande auto-estima. Pesquisas realizadas tentam mostrar uma distinção conceitual entre auto-estima e auto-aceitação. Entretanto, empiricamente as duas estão, usualmente, altamente relacionadas".

A análise empírica dos inventários de auto-estima existentes mostra que, na prática, pode-se medir várias áreas que se relacionam à auto-estima (por exemplo, a de "simpatia pelo eu", comportamentos de correr risco, discrepância entre o "eu real" e o "eu ideal" etc.).

Costa (1978) procurou estabelecer os aspectos básicos para a apuração de auto-estima. Após ter analisado os fundamentos de várias escalas de medida desta característica, destacou os cinco que estudos anteriores demonstraram ser os mais válidos: a percepção corporal, pois segundo pesquisas realizadas existe uma grande correlação entre a auto-estima de uma pessoa e como ela percebe a aparência de seu corpo; a capacidade de ini

*ciativa para solução de problemas*, devido ao fato de que se uma pessoa ao deparar-se com um problema, tenta avaliá-lo e encontrar uma solução, estará assim evitando uma frustração. Isso implica na auto-avaliação, necessária à auto-estima, visto que uma pessoa que não consegue reagir quando inserida numa situação-problema, automaticamente se desvaloriza, o que resultará numa diminuição de sua auto-estima; *o desempenho profissional* porque uma pessoa que se sente realizada profissionalmente possui alta auto-estima, e um indivíduo que se sente inseguro em tomar decisões no trabalho, ou não o valoriza positivamente terá uma baixa auto-estima.

Os dois últimos aspectos que parecem melhor justificar a escolha da escala de auto-estima no presente trabalho, são a *aceitação do "eu"* e a *percepção social do "eu"*. Sobre eles diz a autora:

"Se uma pessoa se aceita como é, ou seja, suas atitudes se coadunam com seus pensamentos havendo compreensão do tipo de procedimento adotado com relação a uma determinada situação, isto será indicador de alta auto-estima; se ao contrário, o indivíduo não se encontra satisfeito com seus procedimentos ou pensa que gostaria de ser uma pessoa diferente da que é, isto denota baixa auto-estima".

E ainda sobre a percepção social do "eu": "Se o indivíduo atribui grande importância à valoração que os outros dão à sua pessoa, se tem necessidade de aprovação e concordância pelos demais dos seus pensamentos e atos, isto reflete sua baixa auto-estima". (Op.cit.:9).

Verifica-se assim, em termos reducionistas, que a auto-estima deve ser encarada levando-se em conta o aspecto *bási*

co da busca de compreensão pelo indivíduo de si e do mundo externo, responsável pela aquisição e manutenção da auto-confiança, da auto-aceitação e do auto-respeito.

#### PROCEDIMENTO

A escala para medida do sentimento de auto-estima (anexo I) foi utilizada com a permissão do autor Dela Coleta (1980) e, por sua sugestão, foram retirados 21 itens: 15 de sua escala na forma final, mais 6 da forma preliminar de 36 itens.

A escala deriva-se de um conjunto de itens retirados de várias escalas tradicionalmente utilizadas para medida da auto-estima, e todos os itens foram previamente submetidos a estudos de fidedignidade e validade pelo autor.

Os escores são obtidos pela aplicação do gabarito descrito na escala, com respostas do tipo concordo ou discordo a cada item, sendo atribuído 1 ponto à resposta de acordo com o gabarito e, zero (0) à resposta em desacordo com o mesmo.

O critério estabelecido é de quanto maior o escore obtido, maior o sentimento de auto-estima. O tratamento estatístico dos dados dos dois grupos foi o teste t de Student-Fisher.

#### 4.4.2 - TESTE DO DESENHO DA FIGURA HUMANA

##### ANTECEDENTES TEÓRICOS

Foi da utilização dos Testes do Desenho como escalas de inteligência, que surgiram tanto o Teste da Figura Humana como o Teste da Casa-Árvore-Pessoa (H.T.P.). Machover desenvolveu o Teste do Desenho da Figura Humana a partir de sua experiência com o Teste de Goodenough, na avaliação da inteligência infantil. Buck também organizou o Teste da Casa-Árvore-Pessoa depois de suas experiências na análise de fatores intelectuais no desenho.

Na maioria das vezes, o desenho da pessoa pode motivar três tipos de temas: o auto-retrato, a imagem do eu ideal, e a representação de pessoas significativas para o sujeito. (Hammer, 1978). Acrescente-se que um desenho pode ser ainda um resultado de circunstâncias exteriores; uma expressão de padrões de hábitos; a expressão do tônus emocional; uma expressão das atitudes do sujeito para com a vida e a sociedade em geral; ou uma combinação de tudo isso. (Levy, 1978b).

Contudo, a suposição básica, geralmente adotada pelos estudiosos do teste, é a de que a figura humana desenhada por um indivíduo se relaciona intimamente com os impulsos, ansiedades, conflitos e compensações características do mesmo. Segundo Machover: "Em um sentido, a pessoa desenhada é a pessoa e o papel corresponde ao meio ambiente." (1949:38).

Hammer (1978) destaca que tanto Machover, como Buck e Levy e até mesmo Paul Schilder com sua contribuição ao estudo da imagem corporal observaram, simultanea e independentemente ,



que o conceito gráfico da pessoa é o que está mais cheio das experiências emocionais ligadas ao desenvolvimento do indivíduo.

As vantagens do uso de técnicas projetivas gráficas residem: 1) em sua capacidade de revelar coisas que o sujeito não está disposto a dizer ou é incapaz de dizer porque não tem consciência delas; 2) no fato de que, nos desenhos, o indivíduo se expressa em um nível motor mais concreto e primitivo, por isso as defesas estereotipadas são aplicadas com mais dificuldade nas projeções grafomotoras do que nas verbais, como observou Machover; 3) na função que desempenham os desenhos de reduzir ao mínimo a ameaça e absorver ao máximo o choque da situação do teste (Campos, 1976); 4) no pressuposto de que por serem menos ameaçadores que outras técnicas projetivas, os desenhos projetivos são o instrumento mais adequado para as pessoas evasivas e reservadas ou resistentes (Hammer, 1978); 5) na comprovação de que nos desenhos, ainda que não queira, o sujeito tende a projetar, o que vai de encontro à suposição da psicologia projetiva de que não há conduta acidental, toda conduta está determinada ainda que os determinantes possam ser múltiplos e de diversos graus de acessibilidade. (Levy, 1978b).

#### TÉCNICA DE ANÁLISE DO TESTE

O uso do Teste do Desenho da Figura Humana no presente trabalho deve-se ao interesse de obter uma expressão de disposições de ânimo e tensões dos sujeitos amostrais, bem como a visão que possuem de si mesmos e do meio ambiente em que vivem.

Ao apreciar os métodos de levantamento do teste, constatou-se que o psicólogo que analisa desenhos, se encontra na

difícil situação de ter que chegar a conclusões suficientes partindo de premissas insuficientes ou seja, a técnica de analisar desenhos carece de validação experimental suficiente, raras vezes proporciona informação inequívoca e, frequentemente, conduz a formulações errôneas sobre a personalidade dos sujeitos cujos desenhos se estudam. A esse respeito conclui Levy (1978): "A única afirmação definitiva que pode fazer-se é a de que o psicólogo deve evitar todo enfoque arbitrário, ingênuo ou dogmático com respeito à técnica do "desenho de uma pessoa". (Op.cit b: 157).

Estudando a bibliografia conclui-se que há muitas formas de interpretação dos desenhos, destacando-se, todavia, duas principais fases de análise segundo Hammer (1978): A fase estrutural do desenho que abarca o tamanho; a localização na folha de papel; a qualidade e a pressão do traço; a exatidão, grau e áreas de acabamento e detalhes; a simetria; a perspectiva; o sombreado e a rasura. A segunda fase chamada de análise de conteúdo diz respeito ao estudo da postura das figuras, da expressão facial, dos diferentes detalhes; a importância dada às distintas partes do corpo, à roupa etc.

Optou-se por adotar o critério da análise estrutural dos desenhos por serem os fatores menos suscetíveis de ambigüidades, porque alguns desenhos estão tão limitados em conteúdo, que toda a carga de análise tem que basear-se nos traços estruturais e, principalmente, porque se observou que os aspectos estruturais e formais de um desenho estão menos sujeitos a variabilidade que o conteúdo com o passar do tempo. (Machover, 1949).

## PROCEDIMENTO

Foram escolhidos 15 fatores: tamanho; localização na folha; tipo de traço; pressão do traço; detalhes; distorções e omissões; simetria; seqüência; movimento; sombreado; postura; perspectiva; valência e rasura. Cabe esclarecer que a valência foi obtida através de um pequeno questionário de 10 perguntas aplicado aos sujeitos no término dos desenhos. As perguntas foram: 1) Quem é; 2) Qual a idade; 3) Qual é a sua atividade; 4) O que está fazendo; 5) O que está pensando; 6) Como o/a vê (triste/alegre); 7) Qual o estado civil; 8) Como sente a figura (perto/longe); 9) O que mais necessita; 10) Considera-o.(a) feliz ou infeliz.

Uma vez selecionados os critérios, partiu-se para o estudo de suas significações e respectivas hipóteses. Cinco autores foram utilizados: Augras (1980); Campos (1976); Hammer (1978); Levy (1978); Machover (1949) mas, eles divergiam quanto as hipóteses. Foi necessário construir amplo quadro com as informações dos autores para que dele pudesse ser extraído, no consenso de opiniões, o material necessário para a elaboração dos critérios de correção.

Dessa forma preliminar, composta por 14 itens, apresentada no Anexo II, foram separados de cada um dos itens, apenas os tipos considerados "negativos" ou seja, cuja presença pode se ser indício de algum problema no sujeito. Assim surgiu a forma final de critérios utilizada na correção dos desenhos (Anexo III) composta por 15 fatores, permitindo o uso de um sistema de pontuação que variou de zero a dois pontos, da seguinte maneira: cada sujeito desenhou 2 (duas) figuras de ambos os sexos, o que forneceu um total de 100 desenhos; assim foi atribuído 0 (zero)

ponto à ausência do fator, 1 (um) ponto à presença do fator em 1 desenho, e 2 (dois) pontos à presença do fator nos 2 desenhos, de tal forma que o número máximo de pontos possíveis de serem obtidos por cada sujeito foi de 30 (trinta) pontos. A fim de prevenir toda e qualquer subjetividade na atribuição dos pontos, foram utilizadas as opiniões de mais dois juizes - um psiquiatra e uma estudante de Belas Artes - na correção dos testes.

O tratamento estatístico dos dados dos dois grupos foi o t de Student-Fisher.

#### 4.4.3 - ENTREVISTA

Para Berger e Luckmann (1978), a linguagem é o principal meio do processo de correspondência entre a realidade objetiva e a subjetiva. Através dela se faz a conservação da realidade para o indivíduo. Augras (1978) mostra como a fala implica na idéia da coexistência, possuindo, nas interações humanas, uma função mediadora entre o eu e o outro.

A entrevista tem sido criticada como técnica no que diz respeito a sua validade, porque envolve a existência de distorções, esquecimentos, dissimulações e outras falhas do discurso.

Ciente das limitações e vantagens da utilização da entrevista, como instrumento fornecedor de material das vivências dos indivíduos, optou-se aqui pela realização de entrevistas individuais, que seguiram um breve roteiro, valorizando-se contudo, a fala espontânea e livre dos entrevistados.

## PROCEDIMENTO

Foram realizadas inicialmente 25 entrevistas com o grupo experimental, seguindo-se roteiro que englobasse as variáveis de interesse da pesquisa. As perguntas foram formuladas com base na hipótese de que uma vez vitimado, o indivíduo apresentaria um quadro de transformações na consciência de si, na percepção dos limites espaciais e temporais, e na percepção do outro e do mundo social.

As entrevistas foram feitas mediante gravação, que constituíram aproximadamente 50 horas de depoimentos. De posse dessas informações, partiu-se para a elaboração do roteiro de entrevista para o grupo de controle, formado por indivíduos não vítimas, procurando-se manter coerência com as hipóteses anteriores, de que esses indivíduos não apresentariam tal quadro de transformações em suas entrevistas.

Os roteiros de entrevista dos dois grupos encontram-se no anexo IV.

## TÉCNICA DE ANÁLISE

A partir do material obtido nas entrevistas com o grupo experimental, foram estabelecidos seis grandes temas que se destacaram constantemente. São basicamente:

### 1 - Negação da Realidade Objetiva

- "Só acreditei quando vi que o revólver era verdadeiro."
- "Não me lembro, apaguei da lembrança essa passagem."
- "Penso no assalto como se fosse coisa de filme, coisa irreal."
- "Não conseguia acreditar, e até agora é irreal."

- "no começo pensei que fosse brincadeira."
- "eu queria pensar que era um pesadelo."
- "parece uma brincadeira, como se fosse um teatrinho, alguma coisa irreal, que você não está vivendo na pele. É uma coisa distante, uma brincadeira de mau gosto."
- "A primeira idéia foi que eu estivesse tendo um pesadelo. Pensei: será possível? não acreditei!"
- "Parece teatro sabe? você é a artista principal."
- "parecia filme, que eu era protagonista de um filme, é uma coisa irreal né? é uma estória."
- "não sei como aconteceu, não vi mais nada, não escutei mais nada, eu não queria nem olhar."
- "sinceramente não me lembro de ter pensado nada."
- "eu disse: eu não acredito!, não é possível!, porque a sensação que dá é de irrealidade né?"
- "A vontade que eu tinha era acordar, abrir o olho e... isso é um pesadelo!"
- "não percebi nada. Nem me ocorreu que aquilo pudesse ser um assalto."
- "parecia que o mundo tinha vindo abaixo!, porque a gente nunca pensa que é com a gente mesmo que as coisas vão acontecer."
- "Não coloquei a Moto no seguro, por imaginar que esse tipo de coisa só acontece com as outras pessoas, com a gente nunca vai pintar!"

2 - Vivência de situações marginais, principalmente medo da morte e do sofrimento, sentimento de perda

- "É engraçado o que se sente, no início medo, depois sentimento de invasão, de perda. O susto em ver o revólver é tremendo!"
- "Aí! mas eu estou com um medo incrível depois disso. (...) não

- falei nada no caminho: eu estava com muito medo."
- "A primeira coisa que você pensa é: será que eu vou sair viva dessa?"
  - "Na hora eu pensei que ele fosse me matar."
  - "Um deles me bateu por eu estar sem dinheiro, depois eles me amarraram, me amordaçaram, tiraram meu sapato e me botaram dentro da mala do carro."
  - "Pensei comigo: bom, se eu vou ficar ferido, pelo menos estou vivo. Porque eu sabia que se eles parassem por sua própria vontade, eu ia morrer. Eu era pra ser mais uma vítima..." (durante um tiroteio dos ladrões com a polícia).
  - "... mas depois que o cara coloca o canivete no seu pescoço, você não fala nada, engasga! Eu senti medo. Aliás não foi nem medo, foi pânico mesmo!, porque de raiva o cara podia até me matar."
  - "Ele estava muitíssimo nervoso. Eu realmente senti que ele podia machucar, ferir a gente."
  - "Acordei com duas pessoas no quarto com uma faca no meu pescoço, uma de cada lado. Então eu disse que não faria nada, que não ia reagir, mas que não me maltratassem, que não me batessem, que não me machucassem né?"
  - "Eu só pensava: meu Deus do céu, reagir eu queria, mas se esse homem me retalha a cara, eu além de operar o mioma, ainda vou ter que fazer operação plástica..."
  - "Quando ele soltou o tiro no cara, que foi de muito pertinho, porque eu estava sentada assim ao lado dele, se ele não tivesse se inclinado, talvez tivesse me atingido na parte que pegou lá nele, assim na barriga."
  - "Ele tirou uma arma de dentro da cintura, e eu fiquei sem ação."

- (...) Aí eu pensei: bom, eu vou morrer de costas, eu prefiro morrer de frente, e virei para trás."
- "(...) e eu sem saber o que fazer, corri, atravessei a rua num reflexo impensado de fazer alguma coisa para sustar o roubo do meu carro, com uma terrível sensação de impotência e risco de ser baleado. O bandido que estava no meu carro ainda tentou me atropelar."
  - "Parece que o homem caiu do céu. Estava dentro de casa com um bruto 38..."
  - "Ele passou a mão delicadamente pelo meu pescoço, e eu pensando até que ele fosse me enforcar!"
  - "Eu estava sendo assaltada imaginando: meu Deus do céu, se eu morro, quem vai ficar com meu filho? quem vai cuidar dele?."
  - "É uma coisa terrível!, o cara já está tão acostumado a andar com aquela arma na mão, e ao mesmo tempo ele está tão nervoso também, porque ele está assustado, que aquela arma pode disparar a qualquer momento, e durante todo o tempo eu pensava nisso..."
  - "Primeiro eu tive aquele impacto, no sentido de sentir pânico nê? Eu senti pânico: de repente você vê as coisas acontecendo e você ser ameaçado de morrer."

3 - Vivência de transgressão do espaço, acarretando sentimentos de perda dos limites do eu, e de estranheza com relação a si mesmo

- "Era como se o carro fosse um pedaço de mim, que tivessem arrancado. Eu estava precisando de alguém para me orientar."
- "Estou me sentindo desamparada a pampa. Eu estou totalmente desnorreada, abobalhada, com medo..."



- "Eu fiquei olhando assim pras camas, para ver se as pessoas estavam vivas sabe? se eu sentia a respiração das pessoas para mim pegar, pra me trazer um pouco de segurança, porque parecia que eu estava meio louca, porque eu achei que o ladrão tinha entrado na minha casa..., eu não sei..."
- "Depois do assalto, algumas pessoas do trabalho quando encontravam comigo, vinham por detrás e brincavam com os dedos como se fosse um revólver. No início eu ficava tão descontrolada que chorava. Fiquei assim ... um pouco mole. Afrouxei né, as rédeas do poder sobre mim."
- "Eu não senti medo, eu não senti nada sabe? eu senti um vazio assim..., sabe? um negócio assim... Eu nunca tinha tido essa sensação antes, foi um negócio diferente sabe?"
- "parece que a minha idéia ficou assim fora de série, ficou assim fora de si. Eu fiquei fora de si por uns tempos..."
- "Eu pensei muita coisa mesmo. Mas é uma coisa que a gente fica assim no ar, sem ter ... como é que chama? sem ter uma coisa pra segurar."
- "Eu ficava chorando, olhando pra um lado e pro outro, querendo saber o porque, porque eu e não a menina do meu lado? eu não conseguia entender."
- "É uma sensação insólita, muito desagradável. É um sentimento estranho de você estar impotente assim, contra uma situação que é uma agressão a você. De fato é duro. É uma experiência que eu não gostaria de repetir nunca! Você fica meio perdido, até você orientar o seu pensamento leva algum tempo."
- "Quando eu cheguei em casa e vi tudo, eu não pensei em nada. Eu fiquei desnorteado sabe? na verdade eu não notei nada, me deu aquela vontade de chorar, porque sabe como é que é né? Nê

go diz que homem não chora, mas chora sim! Isso é triste a pampa, é demais!"

- "A coisa em si foi terrível! o estado de tensão já era uma coisa paranóica mesmo, um estado doentio! Eu levantava às 3 horas da manhã e ia ligar pra Polícia: - Pelo amor de Deus sobe a rua porque eu não estou conseguindo ficar nem na minha cama! Isso eu fazia várias vezes numa mesma noite."

- "Sim, passei a me sentir desamparado. Bom, isso é..., a sua casa!, a casa que você escolheu pra viver, de repente ficou aberta né? É impotência! A casa ficou aberta! Você tinha uma casa, e você chegava na sua casa..., e de repente você foi invadido! É a tua privacidade entendeu? É se sentir dentro de casa como se estivesse no meio da rua. Eu me senti no meio da rua!"

#### 4 - Mudança nos hábitos rotineiros. Perspectiva de tempo e espaço

Notou-se, que as pessoas desenvolvem uma série de medidas preventivas, que, geralmente, se referem a situação do ataque que sofreram, e não mudanças de comportamento para evitar os diversos tipos de violência existentes. Alguns exemplos:

- "o negócio é não ir mais para o Arpoador, ou parar em qualquer lugar de noite para namorar" (roubo de carro com sequestro à noite).

- "decidi que não vou mais de carro a este tipo de lugar deserto e escuro como Botafogo à noite." (roubo de carro no lugar citado, à noite).

- "Fiquei assim cauteloso, atento a qualquer movimento. Se chegar alguém perto do meu carro, eu já estou com o carro engrenado, em qualquer lugar. Inclusive não paro mais em sinal à noite

- te." (roubo de carro com sequestro à noite).
- "Se eu estou em um ponto de ônibus, e vejo um cara assim chegando mais próximo, eu corro. De resto eu não ligo, não tenho medo de nada, mas agora ponto de ônibus e dentro de ônibus! eu agora jamais sento atrás no ônibus." (assalto dentro do ônibus).
  - "Se alguém pedir informação na rua eu não dou, nem se me pedir as horas eu dou." (assalto na rua).
  - "E desde aquele dia até hoje, sabe o que é você entrar num ônibus olhando pra todo mundo? eu olho pra todo mundo pra ver como é que está. Se eu perceber algo estranho eu salto." (assalto dentro do ônibus).
  - "Eu tinha mania de acampar, antes eu não tinha essa preocupação de deixar a casa sozinha. Agora eu parei de acampar." (arrombamento da casa na ausência do proprietário).
  - "Mudei todos os hábitos! Deixei de sair à noite, não saio mais sozinha de jeito nenhum. Tenho muito medo da noite, se bem que está havendo assalto de dia, mas ainda não houve comigo, então eu ainda não incorporei! O meu quintal virou um capinzal, porque nem durante o dia eu abro a porta pra ir lá fora. As minhas plantas quase morrem." (assalto dentro de casa com sequestro à noite).
  - "Eu mudei da casa no dia do assalto. Eu deixei as coisas lá e não voltei mais. Abandonei a casa." (assalto dentro de casa com sequestro).

Em paralelo todas as vítimas, principalmente as mulheres, deixaram de usar jóias - algumas até mesmo bijuterias que parecessem ouro. As vítimas também demonstraram um grande medo de estarem sozinhas na rua à noite, independentemente do sexo. Al

guns exemplos:

- "Estou mais cuidadosa, mais atenta. Sinto que a cada momento que eu vou na minha caixa de jóias, aquilo é uma coisa que me pesa. Então eu dei uma diminuída braba no uso de jóias, agora estou na fase da prata."
- "Jóia então é que eu não uso mesmo né? e, inclusive, se eu tivesse um outro cordão, uma fantasia que imitasse ouro, eu não usaria nunca! De jeito nenhum!"
- "É uma reação natural, inconsciente. Sem que você queira... , o medo de andar sozinha não é uma decisão, é uma mudança."
- "Agora eu chego no máximo meia noite em casa. Deixei de ir a muitos lugares, principalmente com a minha namorada."

#### • 5 - Mudança nas relações interpessoais

As pessoas demonstraram um aumento acentuado no nível de atenção, ao que se passa no meio ambiente. Quase todas acusaram a presença de um alto nível de desconfiança dos estranhos de modo geral, e até mesmo de pessoas conhecidas.

Como resposta a questão de como reagiria se presenciasse uma "agressão", como a que sofreu em outra pessoa, nove não fariam nada, doze tentariam ajudar de alguma forma e quatro não sabem o que fariam.

- "Fiquei mais atento(a)"; "tomo muito cuidado"; "fiquei mais cauteloso(a)"; "fico constantemente em estado de alerta"; "vivo mais ligado"; "fiquei mais temeroso(a)"; etc.
- "Fiquei sacando todo mundo"; "eu avalio todas as pessoas que estão próximas"; "fiquei muito cabreira com as pessoas"; "eu examino todas as pessoas que entram no ônibus"; "eu agora ando catando os assaltantes"; etc.

- "eu não aceito carona nem de colega do trabalho. Eu não entro em carro de colega nenhum, seja homem ou mulher."
- "hoje em dia quando eu saio de casa, eu escrevo o nome e endereço completo da pessoa com quem eu vou sair, eu faço isso com qualquer pessoa."
- "Antigamente quando um cara ficava te olhando, era uma paquera. Hoje em dia você não sabe se é um assaltante né?"

6 - Mudança na percepção da estrutura social. (Opinião sobre a violência atual).

Apesar de mostrarem a existência de sentimentos de injustiça, de perda, de impotência, de falta de solidariedade e de revolta; as vítimas apresentam um alto índice de conformidade à violência, e curiosamente, de benevolência aos agressores, visto que, atribuem a existência da violência a problemas sócio-econômicos, educacionais, ao aumento da população, crises no sistema etc., que tornam seus agressores também vítimas da sociedade.

Todos acham que a violência vai piorar, e a maioria espera do Governo ou da Polícia algum tipo de solução. Quase todos afirmam, que procuram viver normalmente, incorporando a violência em suas rotinas diárias. Tais aspectos serão discutidos a seguir. Por hora citaremos alguns exemplos:

- "É uma loucura incrível. É chato você sair e andar com medo. Olhar para uma pessoa, e ter uma desconfiança incrível."
- "É lamentável. Na medida do possível tem que se adaptar às condições de vida, porque senão a gente vai viver fora da realidade da gente, da realidade do país não é?"
- "Ninguém tem mais o sentimento de fraternidade, de comunidade. Eu senti que agora é cada um por si, e Deus por todos né? É uma

problemática social: deveria haver mais igualdade, mais oportunidades para todos."

- "Você está convivendo com a violência: ela acontece aqui, você fica assustada, passa a ter medo, a ser uma pessoa super-desconfiada. Mas você vai vivendo. Ela tende a piorar, a crise está aí, mas talvez os assaltantes não sejam tão culpados, se você for olhar a vida deles."
- "O cidadão está sozinho na cidade grande, mesmo na multidão ele está sozinho. É um sentimento onde o básico, é que a gente percebe que mesmo no meio de muita gente, numa situação de emergência, você não pode contar com ninguém."
- "A única coisa que esse assalto me fez, foi eu pensar mais na situação brasileira, na nossa condição social. Eu não reivindico nada! e então a situação talvez esteja assim, porque a gente não se organiza. Não há organização na sociedade."
- "Você se sente mesmo um pouco decepcionado com a civilização em que você vive, com a cidade..., por outro lado, se você analisa que estamos vivendo uma situação de crise, a violência é como se fosse um outro imposto de renda que estivessem cobrando."

Foram também examinadas, as respostas que se referissem a mudanças no estado fisiológico dos sujeitos, durante ou após o incidente.

As entrevistas do grupo de controle também foram analisadas, procurando-se estabelecer a presença ou não desses temas, independentemente do fato de nunca terem sido vítimas de violência, mas considerando-se que são indivíduos em constante interação social, como os outros do grupo de vítimas.

O exame das entrevistas do grupo de não vítimas tam**ã**m acusou a exist**ê**ncia dos temas descritos anteriormente, tal fa**ã**to pode ser mostrado atrav**ê**s de alguns exemplos:

1 - Negação da Realidade Objetiva.

- "Eu sempre acho que nada vai me acontecer."
- "Eu evito ler sobre a viol**ê**ncia no jornal. Eu n**ã**o quero nem sa**ã**ber, porque eu tenho que sair na rua, e eu vou sair apavora**ã**da?"
- "Viol**ê**ncia **é** uma coisa que me deixa nervosa, me deixa irrita**ã**da!, eu n**ã**o gosto de viol**ê**ncia n**ã**o! Esses jornais que trazem todas essas coisas..., tanta trag**ê**dia! Eu n**ã**o gost**o** de ver es**ã**s coisas, ent**ã**o eu nem olho!"
- "Eu convivo com a viol**ê**ncia sendo desligada!"
- "Eu sei que estou sempre correndo perigo, mas eu sou desliga**ã**da. Eu simplesmente passo na rua, e n**ã**o estou nem me importan**ã**do com o que est**ã**a volta. As vezes, passo pelas pessoas como se elas n**ã**o existissem... As coisas acontecem e eu nem tomo co**ã**nhecimento."

2 - Viv**ê**ncia de situa**ç**ões margina**is**, principal**me**nte medo da mor**te** e do sofrimento.

- "Nunca presenciei nada graças **ã** Deus! Acho que eu ia ficar ca**ã**lada, est**ã**tica..., eu morro de medo!"
- "Vi um assalto de longe, mas vi dois caras roubando um rapa**ã**z. Eu n**ã**o fiz nada, eu fiquei quietinha, quietinha, me deu um me**ã**do horr**í**vel de me meter e morrer."
- "Uma vez eu estava na porta da minha casa, chovia e vinha um rapa**ã**z andando r**ã**pido, a**í** quando ele se aproximou umas duas ca**ã**sas antes da minha, eu vi que era um rev**o**lver o que ele tinha

na mão. Aí eu tremi né? Pensei: se eu subir ele pode atirar e pode vir atrás de mim, então eu tenho que ficar aqui. Ele passou por mim e botou o revólver dentro da calça, mas ficou me esperando na esquina... Naquele dia não sai nem pra trabalhar!"

- "De repente, você vê uma mulher na sua frente sendo assaltada, e você não pode fazer nada, porque senão você está arriscado a levar uma facada ou um tiro. Eu me senti bem por baixo quando isso aconteceu."

- "Eu estava tomando um Chope num barzinho, aí veio um cara e sentou perto de uma amiga minha, e roubou a bolsa dela. Eu estranhei o movimento e levantei para olhar, aí ele começou a me ameaçar e todo mundo ficou olhando. Eu fiquei com um medo! eu fiquei com medo dele ter uma arma, um negócio qualquer sei lá, e me ferir. Eu fiquei louca assim né? Passou tudo pela minha cabeça nesses minutos. Foi uma loucura!"

3 - Vivência de ameaça de transgressão do espaço, acarretando sentimentos de falta de controle sobre o tempo e espaço.

- "Acho que não tem como evitar ser assaltado. Existem algumas coisas que podem ajudar, mas os ladrões vencem todas as barreiras."

- "(...) se bem que, atualmente, se pode ser assaltado em qualquer hora, em qualquer lugar."

- "Por mais cuidadoso e prevenido que você seja, não é nada difícil de acontecer né? porque não tem hora, não tem motivo, não tem nada. Então o risco existe em qualquer hora, em qualquer lugar, em qualquer dia, em qualquer situação..."

- "(...) porque não adianta tanto cuidado, se o ladrão quiser entrar na tua casa, ele entra mesmo, não adianta nada né?"



- "Eu acho que desde o momento que você sai de casa, você está exposto a tudo sempre, então eu não sei o que se pode fazer."
- "Eu acho simplesmente um absurdo, o fato de que você sai as vezes tranquilo de casa, e você não sabe se volta, ou o que pode acontecer com você não é? As pessoas não têm por onde escapar..."

#### 4 - Mudança nos hábitos rotineiros. Perspectiva de tempo e espaço.

Curiosamente, as entrevistas mostraram que, as pessoas deste grupo não têm o hábito de sair à noite: quatorze delas não saem nunca, três só saem nos finais de semana, e só oito costumam sair. Das vinte e cinco pessoas, dezenove só saem acompanhadas à noite, vinte e uma delas não usam jóias nunca, três só usam quando saem de carro, e apenas uma usa jóias constantemente. A maioria utiliza o ônibus como meio de transporte (quatorze), oito utilizam somente o carro, duas o Metrô e uma a Motocicleta. Os sujeitos não vítimas, também apresentam medidas de precaução em seus hábitos rotineiros, que em muito se assemelham aos apresentados pelo grupo de vítimas. Alguns exemplos:

- "Quando eu volto para casa, eu passo por uma rua deserta, mas eu me sinto muito mais segura quando ela está deserta: gente pode significar perigo. Mas mesmo assim, não passo lá de jeito nenhum depois das 22 horas."
- "Tem que se andar depressa e no meio da rua à noite. Tem que se tomar cuidado automaticamente."
- "Antigamente eu saia de noite, agora não mais. Saio do trabalho na Tijuca 23:30 horas muito apavorado: fecho os vidros do carro, tranco todas as portas, e não paro em nenhum sinal até che

gar em Copacabana."

- "Não uso mais jóias. Tenho mas não uso por medo de ser assaltada! Eu nunca fui, mas não uso exatamente por isso, pra não ser!"
- "Eu por exemplo, já me preocupo com esse lance, com essa onda assim de violência. Eu acho até que, eu estou começando a não andar tão livremente como andava antes sabe, isso agora é uma preocupação que eu tenho."
- "Eu tomo muito cuidado, se por exemplo eu for a um Banco, eu saio com a bolsa grudada em mim. Olho pra um lado e olho pro outro. Mudo o caminho. Vou desviando pelas pessoas..., faço loucuras!"

#### 5 - Mudança nas relações interpessoais.

As pessoas, em sua maioria, demonstraram ser atentas e cuidadosas na rua, só dez são distraídas e não são medrosas. Com relação aos estranhos, doze julgam-se muito desconfiadas, onze indiferentes e apenas duas são confiantes.

Dos vinte e cinco sujeitos, dezesseis possuem familiares que já foram vitimados pela violência, sendo que em quatorze casos foram pessoas próximas (marido, mulher, filhos, irmãos, pais). De todo o grupo, quatorze pessoas presenciaram algum tipo de violência, dez não fizeram nada, e só quatro ajudaram de alguma forma. Alguns exemplos deste aspecto:

- "Eu sou muito atenta e cuidadosa: eu vejo alguém e seguro logo a bolsa firme. Desconfiada eu sou demais: alguém está chegando perto de mim, eu aperto logo o passo."
- "Eu sou tão desconfiada, que só das pessoas que cruzam comigo na rua, eu fico assim tensa."
- "É uma questão de você andar ligado, não dar bobeira, tem que

se tomar cuidado. É só observar os ladrões que na rua são amadores."

- "Sou muito desconfiada. Eu fico olhando as pessoas para ver se estão com más intenções. Sou medrosa de tudo na rua, e então eu vou passando direto sem parar para ninguém."
- "Eu sou muito desconfiada: se eu ver uma sombra atrás de mim, eu já estou olhando pra trás pensando que é ladrão!"
- "Eu fico estudando o terreno tá? mas não demonstro desconfiança, a pessoa que vê, não acha que estou desconfiada entende? pra disfarçar né? é um estudo disfarçado, porque na verdade eu estou morrendo de medo!"

6 - Mudança na percepção da estrutura social. (Opinião sobre a violência atual).

As respostas dadas pelas pessoas que nunca foram vítimas da violência, são extremamente semelhantes às respostas dadas pelo grupo de vítimas. Todas consideram a violência um problema sem solução, cuja tendência é agravar-se devido a suas implicações sócio-econômicas, e acreditam, também, que somente as autoridades governamentais possam resolver a situação da violência atual.

Nenhuma delas acredita, que exista uma maneira realmente eficaz para se evitar a violência, e talvez seja devido a tal descrédito, que se obteve como resposta à pergunta "a que você atribui o fato de nunca ter sido vítima?", a presença do fator sorte em vinte e três pessoas. As respostas se distribuem da seguinte forma: onze pessoas atribuem somente à sorte; cinco à sorte e à proteção divina; quatro à sorte e precaução; duas à sorte e estilo de vida; uma à sorte, precaução e estilo de vida;

uma ao estilo de vida e à aparência, e uma à proteção divina.

Alguns exemplos de como essas pessoas percebem o meio social em que vivem:

- "Você quer não ter medo, mas as pessoas ficam contando casos, e teve uma época em que eu quase me deixei ser vencida pelo medo, e parei de sair de casa."
- "As pessoas têm é medo! as pessoas quando vêem algo, passam direto. Elas vêem e ainda saem correndo de tão apavoradas que andam."
- "Atualmente você tem que prestar atenção, não andar carregado de jóias, não chamar a atenção porque é uma caçada: o ladrão precisa de chances para assaltar, ele precisa das chances que o assaltado dá a ele."
- "Na minha época, eu me lembro que não existiam essas coisas não. Eu nunca me preocupei em ser assaltado, eu chegava tarde etc., coisas que atualmente não faço de jeito nenhum."
- "Eu tenho medo de sair à noite. Eu tenho um medo! Acho que é muito perigoso. Ali na minha rua é assalto adoidado, durante o dia você está no ponto do ônibus, eles chegam e..., eu nunca fui assaltada, mas todas as minhas colegas já foram, minha irmã já foi..., eu não graças a Deus!"
- "A violência atual tá barra né? cada dia que passa tem mais assalto, mais violência, e se o sujeito não tomar muito cuidado, ele vai ser mais uma das vítimas."

Uma vez feita a análise qualitativa do conteúdo das entrevistas, procedeu-se à análise quantitativa da frequência dos temas, que foram estabelecidos como critérios de exame deste instrumento. Os resultados se encontram no quadro a seguir.

DISTRIBUIÇÃO DA FREQUÊNCIA DOS TEMAS NAS ENTREVISTAS

	1-Negação da realidade objetiva	2-Vivência de situações marginais	3-Vivência de transgressões do espaço	4-Mudança nos hábitos rotineiros (tempo e espaço)	5-Mudanças nas relações pessoais	6-Percepção da estrutura social (opiniões coincidentes)
Grupo I Vítimas (N = 25)	18	22	23	22	21* 4**	24
Grupo II Não Vítimas mas (N = 25)	17	19	22	19	12* 11**	23
Total	35	41	45	41	33* 15**	47
% para N = 50	70%	82%	90%	82%	66* 30**	94%

\* Muito Desconfiados

\*\* Indiferentes

#### 4.5 - RESULTADOS

Resumindo os dados obtidos através da aplicação dos instrumentos, pode-se concluir que, em sua maioria, as hipóteses foram rejeitadas. Assim:

- . Com base na análise estatística verificou-se que as médias dos escores obtidos na escala de auto-estima, de cada um dos grupos - experimental e de controle - não são significativamente diferentes. O tratamento estatístico dos dados foi o  $t$  de Student-Fisher, que foi igual a  $-0,85$ . Os resultados se encontram na Tabela 1.
- . As médias dos escores de desintegração da figura humana, obtidas no Teste do Desenho da Figura Humana aplicado no grupo de vítimas e no grupo de não vítimas, revelaram - através do tratamento estatístico, o  $t$  de Student-Fisher - uma diferença não significativa entre os dois grupos (Tabela 2).

É oportuno ressaltar que, o fato do grupo de vítimas apresentar uma maior dispersão em torno da média ( $\sigma = 5,12 > 4,22$ ); é devido à heterogeneidade das situações vividas pelas vítimas. A presença de seis vítimas de assalto no ônibus, que obtiveram escores muito baixos (6,7,8,9,10) em relação à média das notas do grupo (15,2), justificam esta conclusão.

A análise qualitativa dos resultados também não forneceu maiores esclarecimentos, que pudessem comprovar a suposição inicial de que, os testes do grupo de vítimas apresentariam um maior número de sinais de desintegração da figura humana do que os testes do grupo de não vítimas.

No que diz respeito às entrevistas, as hipóteses de que o grupo de vítimas sofre transformações na consciência de si, na percepção dos limites espaciais e temporais, e na percepção do outro e do mundo social, ao contrário do grupo de não vítimas, não podem ser confirmadas, uma vez que, tais transformações foram avaliadas pela presença ou não dos temas, que foram estabelecidos como critério de análise das entrevistas. Acontece que foi detectada a presença de tais temas também no grupo de não vítimas. Embora a manifestação desses temas se faça com menor intensidade no grupo de controle, sua existência não nos permite aceitar as hipóteses 3, 4, 5 e 6 como verdadeiras.

Diante dos resultados obtidos, supõe-se que, a presença dos mesmos temas nos dois grupos parece ser proveniente das condições sociais atuais, independentemente do fato dos sujeitos da pesquisa serem ou não vítimas de violência. Examinando-se os altos índices de criminalidade a que toda população se acha exposta, pode-se concluir que não há diferença entre pertencer a um grupo ou ao outro, pois a grande frequência com que a violência acomete as pessoas, acaba igualando os dois grupos.

Dos pressupostos iniciais segundo os quais existiriam diferenças significativas dentro do grupo de vítimas, geradas principalmente pela heterogeneidade das situações vividas, bem como pelo número de vezes em que o indivíduo foi vitimado, há que se fazer algumas considerações.

A aparente ausência de diferenciação no tratamento dado aos diversos tipos de violência sofrida neste trabalho, é devida, principalmente, à inexistência de dados que pudessem confirmar tal suposição. Com exceção do Teste do Desenho da Figura Humana,

nenhum outro instrumento apresentou qualquer indício de existirem grandes diferenças entre os diversos tipos de vitimação.

Apesar de terem sido exaustivamente estudadas todas as possibilidades de se chegar a um quadro específico das desto antes situações vividas, nada pôde-se concluir. A única explicação encontrada parece residir na subjetividade com que os indivíduos vivenciam os infortúnios que os acometeram.

Igualmente foi controlada a variável definida pelo número de vezes que o indivíduo foi vítima: nos vinte e cinco sujeitos, quinze nunca foram vitimados anteriormente, sete sofreram algum tipo de violência uma vez antes, dois foram vítimas duas vezes e apenas um três vezes. Mais uma vez os resultados foram discordantes e pouco esclarecedores para com as expectativas anteriores.

A construção empírica deste grupo também possibilitou o surgimento de um outro aspecto que pode ter influenciado: a predominância do sexo feminino no grupo, (o dobro do número de homens) tal fato, aparentemente significativo, não forneceu subsídios para possíveis generalizações, embora esse pormenor deva possuir algum significado. A grande amplitude de idade abarcada por este trabalho, tampouco interferiu nos resultados obtidos, pois somente quatro pessoas com idade superior a 48 anos tomaram parte na composição dos dois grupos.

Estes aspectos, tomados como um todo, sustentam a conclusão de que no contexto da violência urbana atual, as pessoas tendem a reagir de forma semelhante, sendo ou não vítimas, a despeito de idade, sexo e condições sócio-econômicas.



CAPÍTULO V - DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

Dentro da perspectiva de Berger e Luckmann, tanto a realidade objetiva, quanto a subjetiva necessitam ser confirmadas e conservadas pela estrutura social, para terem asseguradas suas existências, bem como a identidade, que é o elemento fundamental da realidade subjetiva.

↓ A vivência de situações marginais, que impliquem na quebra de rotina da vida cotidiana, constitui ameaça à conservação da realidade. Por isso, o fato de sofrer algum tipo de violência pode ser definido como situação de crise, que envolve o risco de colapso da realidade.↑

Entretanto, a análise precedente dos dados obtidos permitiu que se constatasse a presença de diversos fatores envolvidos na vivência de situações marginais nos sujeitos dos dois grupos da pesquisa, independentemente deles terem sido vítimas, de violência, ou não.

↓ A presença de sentimentos de perda da identidade, de medo da morte, e de insegurança perante a realidade em todo o grupo, configura um quadro no qual os indivíduos demonstram estar vivendo uma situação de crise, onde os processos de conservação da realidade oferecidos pela sociedade, não são suficientes para atender as necessidades individuais.↑

↓ Face a existência da violência atual, o fato de se dirigir a uma Delegacia Policial para prestar queixa, ser a única possibilidade que possui o indivíduo para legitimar seu papel de vítima (uma vez que, diante da complexidade do problema não se pode contar com outros meios), parece justificar a afirmação de

Gomes Neto (1980) de que "a violência é um fenômeno típico de u ma sociedade em crise." (Op. cit.:14). ↑

↓ Diante da constatação de que em ambos os grupos, os in divíduos demonstraram estar vivendo numa sociedade em crise, na qual os processos de conservação da realidade são ineficazes, fi ca claro o risco de colapso do processo de identificação, tanto no que se refere a identidade objetivamente atribuída, quanto a identidade subjetivamente apropriada.

◦ As queixas de falta de sentimento comunitário, de so lidão, isolamento e desamparo, são exemplos nítidos de que as re lações humanas nas grandes metrópoles são marcadas pela impessoalidade. Moraes (1981) chama atenção para tal fato, em seu as pecto mais grave ao afirmar que "a saúde mental mostra-se inviá vel quando a necessidade vital de identidade está fadada a uma frustração constante." (Op. cit.:46).

◦ Não é fácil aceitar o risco que o indivíduo vivencia de desconfirmação da sua identidade, porque ela é parte da realida de interiorizada na infância pela socialização primária, e, por tanto, é tida como algo inevitável. Assim, dentro do contexto da violência urbana, aceitar a iminência da morte, ameaça profundada mente a realidade da prévia auto-identificação do indivíduo como ser humano, porque tem sentido morrer como homem, ou seja natu ralmente, mas não tem sentido morrer como vítima de um assalto.

◦ O indivíduo passa então a recorrer a uma série de me didas preventivas, tais como não usar jóias, não se expor em de masia publicamente, não demonstrar sua situação financeira e ou tras, porque como diz Moraes "no clima de medo dos grandes centros, quando cada pessoa se sente de perto ameaçada, todos ten tam de início diluir-se na massa anônima. O ser humano abomina o

anonimato, mas tenta usá-lo como defesa." (Id. *ibid.*:54).

Paradoxalmente, o reconhecimento de que não existem medidas preventivas que sejam realmente eficazes para se evitar a violência, e diante da certeza de que, a violência é um fenômeno que não possui um conteúdo lógico, acometendo as pessoas independentemente de classe social, de lugares, horários, ou motivos e, principalmente, devido a sua alta incidência, surge outro aspecto ligado aos processos de manutenção da realidade, como destacaram Berger e Luckmann: "a violência desses procedimentos defensivos será proporcional à seriedade com que é considerada a ameaça. Se os contactos com a outra realidade e seus representantes se tornam frequentes, os procedimentos defensivos podem evidentemente perder o caráter de crise e tornarem-se rotineiros." (Id. *ibid.*:207).

Surgem então os mecanismos de negação da realidade objetiva, as mudanças nas relações interpessoais, as mudanças dos hábitos rotineiros, e outras que facilitem a incorporação da violência, como parte integrante da realidade cotidiana dos habitantes dos grandes centros urbanos.

Todos os aspectos citados implicam na possibilidade da realidade subjetiva ser transformada, porque "estar em sociedade já acarreta um contínuo processo de modificação da realidade subjetiva. Falar a respeito da transformação implica, por conseguinte, a discussão dos diferentes graus de modificação." (Id. *ibid.*:207).

Face a violência, os indivíduos quer tenham sido vitimados, quer tenham presenciado algum ato violento, acusam um forte sentimento de medo, que decorre da vivência do risco de morte. Aliado ao medo, surge o sentimento de impotência, que justifica,

em muitos casos, a não participação do indivíduo em qualquer acontecimento urbano no qual a violência esteja envolvida.

A visão que os indivíduos possuem atualmente da violência urbana é muito semelhante ao que Da Matta chama de "discurso teórico erudito" que "quase sempre termina num espaço puramente político, com a condenação formal do Estado ou do Governo" (Op. cit., 1982:22). A opinião dos sujeitos da pesquisa sobre a violência atual, também se insere em alguns aspectos no que o autor chamou "o discurso do senso comum ou popular", na medida em que apresenta muitos sinais de que a violência no Brasil é tida como injusta, porque não respeita os pobres, trabalhadores ou desfavorecidos, acometendo igualmente todas as categorias sociais, inclusive os ricos, servindo "tanto para hierarquizar os iguais quanto para igualar os diferentes." (Id. ibid.:42). Tal fato nos remete a colocação de Paoli de que "representa-se a violência cotidiana, especialmente a que existe nos centros urbanos, como um sintoma de tudo o que vai mal nas relações entre Estado e sociedade civil. Seu lugar é, portanto, o de uma denúncia: a explosão caótica e insubordinada tem importância apenas como revelação dos mecanismos da injustiça." (Op.cit., 1982:45).

Uma vez delegadas ao Estado ou ao Governo as causas da violência, fica evidente que só a eles competem suas soluções; o indivíduo pode, assim, assumir plenamente seu papel de vítima das contradições sociais, e colocar-se à margem do processo social, no sentido de que nada pode fazer senão conviver passivamente com o problema.

As pessoas dos dois grupos da pesquisa, especialmente as do grupo de vítimas, também ofereceram respostas típicas de preconceito racial em suas relações interpessoais, na medida em

que, mesmo admitindo terem sido assaltadas por pessoas bem vestidas, brancas, jovens e de boa aparência, elas manifestam forte desconfiança e prevenção de "pessoas escuras", "pessoas de cor", "pessoas mal vestidas", "rapazinhos mulatos", "tipos marginais ou mendigos", "molequinhos", "pivetes", "nordestinos" e outros tipos de rotulação que incluem "tipos suspeitos", "tipos estranhos", que nada mais são do que estereótipos sociais das classes economicamente desfavorecidas nos grandes centros urbanos.

Tal fato parece ocasionar forte contradição na realidade subjetiva das pessoas, como mostram os depoimentos de duas vítimas:

- "Todas as pessoas que sentavam do meu lado no ônibus, eu achava que era ladrão e que me olhava estranho. Negro então! que loucura sabe, isso é uma loucura entendeu? inclusive porque eu sou negra também! então pra mim é uma loucura. Eu via um negro andando assim na minha direção, e eu já achava que era assalto, um horror! Isso pra mim é um conflito muito grande."
- "Eu acho que a pessoa tem que se precaver até com as crianças, porque realmente pra mim, o pior foi ter sido uma criança. É uma coisa que eu não imaginava! se ele ainda fosse daqueles tipinhos - não é nem uma questão de prevenção de raça - mas o fato é que o garoto não tinha a menor aparência de um pivete, de moleque nem nada..., então é de onde a gente menos espera!"

Um aspecto da maior gravidade, diz respeito a incriminação social sofrida pelas vítimas da violência urbana. Este fato se deve a uma antiga e preconceituosa idéia, de que os indivíduos são responsáveis de alguma forma pela violência sofrida. É comum encontrar-se o juízo aparentemente compartilhado pela polícia e pela justiça, de que a vítima é na realidade a causadora

de seu infortúnio.

Verificou-se tal fato ao se perguntar ao grupo de vítimas, se elas acreditavam possuir alguma responsabilidade no próprio ataque, no sentido de tê-lo favorecido. Nas vinte e cinco pessoas do grupo, dezoito negaram qualquer favorecimento, cinco julgaram ser responsáveis, e duas ficaram em dúvida.

Tal incriminação parece ser mais intensa nos casos de estupro, chegando a merecer um artigo na "Tribuna Alemã" de sentembro de 1982, com o título "A vítima incriminada - sancionamento social do estupro", no qual a autora chama a atenção para a existência na sociedade alemã de uma complacência pólicial e judicial com o homem, para quem pretensamente é mais difícil conter os impulsos sexuais. Lá, porém, tal fato está deixando de ser considerado basicamente como uma falha individual, e sendo tratado como fenômeno social. A autora cita uma pesquisa sobre o estupro realizada a pedido do Ministério da Juventude, da Família e da Saúde, onde basicamente é estudada a questão de que, até que ponto a violência masculina contra mulheres é tolerada pela sociedade, e em que medida isso influencia as autoridades. A amostra foi colhida de um "serviço de socorro e orientação para violadas na cidade de Mainz". A conclusão do artigo fala dos objetivos da pesquisa: "... é combater o fenômeno da duplicidade da injustiça sofrida pelas violentadas. Isto é, na quase maioria dos casos de violentação, a situação da vítima se agrava pelo fato de sofrer o preconceito do ambiente social e dos tribunais, que acusam de ter provocado a ação do violentador, e pelo fato de estar sujeita a acusações, malentendidos, sensacionalismo e desconfiança, só colhendo, no melhor dos casos, incompreensão ou silêncio constrangido." (Op. cit. Nº 247:15).

A situação no Brasil é ainda mais séria pelo descaso com que o estupro vem sendo tratado. Um exemplo claro disso, está na fala de uma vítima de assalto em casa com seqüestro e tentativa de estupro: "(...) se bem que na maior parte das vezes eles curram, que é para ninguém dar queixa. Porque a maior parte das pessoas morre de vergonha de dizer: fui currada. Porque a gente vive numa sociedade tão mau caráter, que se o cara foi currado, ele é segregado. Como se houvesse culpa!, uma participação nisso!"

No que se refere às mudanças fisiológicas ocorridas nas vítimas durante ou após o incidente, todas as respostas configuraram a presença de um estado de medo, apesar de não existir um quadro específico de reações ligadas unicamente ao medo. Gray (1978) cita diversas experiências demonstrativas de que nos estados de grande excitação, em que o indivíduo pode tomar alguma atitude (p.ex.: reagir, defender-se), há níveis mais altos, tanto de adrenalina quanto de noradrenalina; e nos estados de excitação em que o indivíduo fica apenas na expectativa ou, fica inativo (p.ex.: em uma situação estressante), há apenas altos níveis de adrenalina. O autor cita Funkenstein que "chegou até a sugerir que esta correlação aparente entre adrenalina, medo e passividade, por um lado, e noradrenalina, raiva e atividade, por outro, estende-se através das espécies." (Op. cit.:68).

Dentro dessa perspectiva, e baseando-se nas respostas obtidas pode-se dizer que o medo é, de certa forma, letárgico; funcionando como desacelerador das expressões vitais, quando é experimentado em situações agudas ou de crise. Mas, em outras situações quando as ameaças são constantes, como é a condição atual das pessoas que vivem nas grandes cidades, talvez seja melhor fa

lar de uma ansiedade crônica.

A ansiedade, sensação que todos conhecem, em certo sentido é benéfica e necessária para a evolução e sobrevivência da espécie. Mas se ocorre com frequência excessiva, ou sob circunstâncias anormais, pode tornar-se até incapacitante. Suas causas sociais são inúmeras: perigo, frustração e todo tipo de situação que envolva tensão. Mas todos esses efeitos sociais são traduzidos em reações químicas cerebrais, assim desenvolver pesquisas sobre as consequências a médio e a longo prazo de se viver em estado de alerta, constitui excelente campo de investigações ulteriores, visto que quarenta sujeitos entrevistados (80% do grupo total) afirmaram viver em constante estado de alerta. Como exemplificou muito bem um homem vítima de assalto dentro de casa: "É, foi um momento talvez até de descontração. Fui pego nesse momento de descontração, quer dizer: eu não posso mais me descontraír. (...) Você vai viver descontraído por aí? Não se pode mais, vai ver o que te acontece! Você tem que procurar um lugar cercado de muros e paredes assim bem altos, pra depois você se descontraír."

Paralelamente ao fato de quase todos terem admitido viver cuidadosamente, existe o dado que se situa no extremo oposto de tamanha tensão, que é o sentimento de impotência com relação a violência, apresentado por todos os sujeitos dos dois grupos. Tal sentimento faz com que os indivíduos recorram à negação da realidade objetiva, quando a violência está em jogo: "a gente vive como se essas coisas não acontecessem. A gente só passa a admitir a hipótese como verdadeira, real, a partir do momento em que o fato acontece diretamente conosco, se acontece com o vizinho, ele não é real: aconteceu com ele por uma coisa transcendental que não nos diz respeito." (de uma vítima).



↓ O sentimento de impotência tem como grande aliado a alienação, no sentido de que ao delegar ao Governo ou ao Estado a responsabilidade pela situação social vigente, os indivíduos estão negando o fato de que a sociedade é um produto humano e uma realidade objetiva, que como tal é transformada por seus membros. ↗

Berger e Luckmann chamaram esse processo de reificação ou objetivação da realidade social, que "é a apreensão dos fenômenos humanos como se fossem coisas, (...) como se fossem algo diferente de produtos humanos, como se fossem fatos da natureza, resultados de leis cósmicas ou manifestações da vontade divina. (...) A reificação implica que o homem é capaz de esquecer sua própria autoria do mundo humano." (Op. cit.: 122-123).

↘ Há que se chamar a atenção para o fato de que, mediante a alienação que os indivíduos adotam perante a realidade da violência urbana atual, eles estão tornando-se co-autores de um quadro da realidade, que põe em risco a própria existência. Se os habitantes dos grandes centros urbanos se unirem, a exemplo do que já está sendo feito nos EUA e em diversos países da Europa, é possível a obtenção de resultados satisfatórios na solução dos problemas.

A experiência das associações de moradores de bairro na cidade do Rio de Janeiro tem mostrado excelentes resultados na melhoria das condições de vida de seus participantes. Talvez, se as pessoas de cada região ou bairro se aliassem em um movimento contra a violência, com o apoio das instituições policiais, utilizando métodos especializados de treinamento, de informação veiculada aos serviços de utilidade pública etc., no sentido de conscientizar cada cidadão da importância de sua participação, da

necessidade de não omissão, das possibilidades de ajuda e de reação; nós não estivéssemos vivendo tamanha impotência diante da violência, que cresce impune e assustadoramente, porque os meios policiais e judiciais disponíveis pela sociedade já não conseguem, sozinhos, fazer frente a um problema de tamanha complexidade.

Permanecer no papel de vítima e nada fazer, é confirmar e conservar a realidade atual que todos julgam absurda e lamentável. Como diz Sigelmann (1981) "se a alienação é um processo ligado à ação, à consciência e à situação concreta do indivíduo, que a escolhe como fuga pela compreensão de sua impotência para exercer qualquer modificação no mundo exterior, e se por esse processo consegue desligar-se das coisas, não pode, contudo, falsificar, com a mesma força, os sentimentos que se apresentam à sua consciência." (Op. cit.: 39).

"Na primeira noite  
eles se aproximam  
e colhem uma flor  
do nosso jardim.  
E não dizemos nada.  
Na noite seguinte,  
já não se escondem:  
pisam as flores,  
matam o cão  
e não dizemos nada.  
Até que, um dia,  
o mais frágil deles  
entra sozinho em nossa casa,  
rouba-nos a lua e,  
conhecendo nosso medo,  
arranca-nos a voz da garganta  
e, porque não dissemos nada,  
já não podemos dizer nada."

MAIACOVSKI



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AHMED, S.M.D. - Visibility of the Victim. The Journal of Social Psychology, 107 : 253-255, 1979.
- AUGRAS, M. - A Dimensão Simbólica: simbolismo nos testes psicológicos. Petrópolis, Vozes, 1980.
- AUGRAS, M. - O Ser da Compreensão. Fenomenologia da Situação de Psicodiagnóstico. Petrópolis, Vozes, 1978.
- AUGRAS, M. - Temas de despersonalização nos conteúdos do teste de Rorschach. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, 22 (4): 61-82, 1970.
- BANDURA, A. - The Self System in Reciprocal Determinism. American Psychologist : 344-358, April 1978.
- BARD, M. - Estudo e Modificação da Violência na Família. IN: SINGER, J.L. - O controle da agressão e da violência: fatores cognitivos e fisiológicos. São Paulo, EDUSP-Editora da Universidade de São Paulo, 1975.
- BARON, R.A. & RANSBERGER, V.M. - Ambient Temperature and the Occurrence of Collective Violence: The "Long, Hot Summer" Revisited. Journal of Personality and Social Psychology, Vol. 36, Nº4: 351-360, 1978.
- BERGER, P.L. & LUCKMANN, T. - A Construção Social da Realidade- Tratado de Sociologia do Conhecimento. Petrópolis, Vozes, 1978.
- BUSS, A.H. - A Agressão compensa. IN: SINGER, J.L. - O controle da agressão e da violência: fatores cognitivos e fisiológicos. São Paulo, EDUSP, 1975.

- CALHOUN, L.G. et al - The effects of victim physical attractiveness and sex of respondent on social reactions to victims of rape. The British Journal of Social and Clinical Psychology, 17: 191-192, 1978.
- CAMPOS, D.M.S. - O teste do desenho como instrumento de diagnóstico da personalidade. Petrópolis, Vozes, 1976.
- CARAM, D. - Violência na Sociedade Contemporânea. Petrópolis, Vozes, 1978.
- CARROLL, J.S. - A Psychological Approach to Deterrence: The Evaluation of Crime Opportunities. Journal of Personality and Social Psychology, Vol. 36, Nº 12: 1.512-1.520, 1978.
- COSTA, M.C.V.V. - Auto-estima: Construção de um instrumento de medida e sua utilização numa pesquisa com servidores públicos federais. Rio de Janeiro, PUC/Departamento de Psicologia, 1978. (Dissertação de Mestrado).
- CRANDALL, R. - The Measurement of self-esteem and related constructs. IN: ROBINSON, P.P. & SHAVER, P.R. - Measures of Social Psychological Attitudes. Michigan, Ann Arbor, The University of Michigan, Institute for Social Research, 1976.
- DELA COLETA, J.A. - Atribuição de Causalidade em Presos, Amputados e Cegos - Aceitação e luta contra o infortúnio. Rio de Janeiro, F.G.V., 1980 (Tese de Doutorado).
- DENGERINK, H.A. et al - Role of Avoidance in Aggressive Responses to Attack and no Attack. Journal of Personality and Social Psychology, Vol. 36, Nº 9: 1.044-1.053, 1978.
- DONNERSTEIN, E. & HALLAM - Facilitating Effects of Erotica on Aggression Against Women. Journal of Personality and Social Psychology, Vol. 36, Nº 11: 1.270-1.277, 1978.

- FERREIRA, A.B.H. - Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975.
- FERREIRA, J.B. - Quanto à agressão - aspectos filogenéticos e ontogenéticos. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, 27 (3): 49-59, 1975.
- GAEBELEIN, J.W. - The Consequences of Noncooperation for the target of third Party Instigated Aggression. Journal of Research in Personality, 12: 297-305, 1978.
- GEEN, R.G. - Effects of Attack and Uncontrollable Noise on Aggression. Journal of Research in Personality, 12: 15-29, 1978.
- GOFFMAN, E. - A Representação do Eu na Vida Cotidiana. Petrópolis, Vozes, 1975.
- GOMES NETO, P. - Violência e o Sistema Político. Teresópolis, Tana, 1980.
- GRAY, J. - A Psicologia do Medo e do "Stress". Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- GROSSMAN, S.P. - Essentials of Physiological Psychology. New York, Willey & Sons, 1973.
- HAMMER, E.F. - Tests Proyectivos Gráficos. Buenos Aires, Paidós, 1978.
- HART, R.J. - Crime and Punishment in the Army. Journal of Personality and Social Psychology, Vol. 36, Nº 12: 1.456-1.471, 1978.
- JOLIF, J.Y. - Compreender o Homem. Introdução a uma Antropologia Filosófica. São Paulo, Herder, 1970.
- KERR, N.L. & GROSS, A.C. - Situational and Personality Determinants of a Victim's Identification with a Tormentor. Journal of Research in Personality, 12: 450-468, 1978.

- LARRAIN, L.C.R. - A catarse da agressão: uma abordagem experimental. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, 28(1): 20-36, 1976.
- LEVY, S. - Dibujo Proyectivo de la figura humana. IN: HAMMER, E.F. - Tests Proyectivos Gráficos. Buenos Aires, Paidós, 1978<sub>A</sub>.
- \_\_\_\_\_ - El dibujo de la figura humana como test proyectivo. IN: ABT, L.E. & BELLAK, L. - Psicología Proyectiva. Buenos Aires, Paidós, 1978<sub>B</sub>.
- LORENZ, K. - A Agressão - Uma História Natural do Mal. Lisboa, Moraes, 1974.
- MACHOVER, K. - Proyeccion de la Personalidad en el Dibujo de la Figura Humana (un Metodo de investigacion de la Personalidad). Habana, Cultural, 1949.
- MATTA, R. da - As Raízes da Violência no Brasil: Reflexões de um Antropólogo Social. IN: PAOLI, M.C. et al - A Violência Brasileira. São Paulo, Brasiliense, 1982.
- MCARTHUR, L.Z. & SOLOMON, L.K. - Perceptions of an Aggressive Encounter as a Function of the Victim's Salience and the Perceiver's Arousal. Journal of Personality and Social Psychology, Vol. 36, Nº 11: 1.278-1.290, 1978.
- MEGARGEE, E.I. & HOKANSON, J.E. - The Dynamics of Aggression: Individual, Group, and International Analyses. New York, Harper & Row, Publishers, 1970.
- MONAHAN, J. et al - Report of the Task Force on the Role of Psychology in the Criminal Justice System. American Psychologist: 1.099-1.113, December 1978.
- MONTAGU, A. - A Natureza da Agressividade Humana. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

MORAIS, R. de - O que é Violência Urbana. São Paulo, Brasiliense, 1981.

MOREIRA, M.S. - A Violência dos Grandes Centros Urbanos. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, 31(3): 179-184, 1982.

MOYER, K.E. - A Fisiologia da Agressão e suas conseqüências para o Controle da Agressão. IN: SINGER, J.L. - O controle da agressão e da violência: fatores cognitivos e fisiológicos. São Paulo, EDUSP, 1975.

PAOLI, M.C. - Violência e Espaço Civil. IN: PAOLI, M.C. et al - A Violência Brasileira. São Paulo, Brasiliense, 1982.

PERRY, D.G. et al - Demand Awareness and Participant-Willingness as Determinants of Aggressive Response to Film Violence. The Journal of Social Psychology, 105: 265-275, 1978.

SCHEIER, M.F. et al - Self-Consciousness, Self-Report of Aggressiveness, and Aggression. Journal of Research in Personality, 12: 133-140, 1978.

SEBASTIAN, R.J. - Immediate and Delayed Effects of Victim Suffering on the Attacker's Aggression. Journal of Research in Personality, 12: 312-328, 1978.

SHAH, S.A. - Dangerousness. A Paradigm for Exploring some Issues in Law and Psychology. American Psychologist: 224-237, March 1978.

SIGELMANN, E. - Anomia e Desorganização: Estudo Psicológico em Contexto Brasileiro. Rio de Janeiro, F.G.V., 1981 (Tese de Doutorado)

SINGER, J.L. - O controle da agressão e da violência: fatores cognitivos e fisiológicos. São Paulo, EDUSP, 1975.

STAPLETON, R.E. et al - Person Perception and the study of Aggression. The Journal of Social Psychology, 105: 277-289, 1978.

STAUB, E. - Aprendizagem e Desaprendizagem de Agressão. IN: SINGER, J.L. - O controle da agressão e da violência: fatores cognitivos e fisiológicos. São Paulo, EDUSP, 1975.

SUSSMAN & ROSENFELD - Touch, Justification, and Sex: Influences on the Aversiveness of Spatial Violations. The Journal of Social Psychology, 106: 215-225, 1978.

TOCH, H. - The social Psychology of Violence. IN: MEGARGEE, E.I. & HOKANSON, J.E. - The Dynamics of Aggression: Individual, Group and International Analyses. New York, Harper & Row, Publishers, 1970.



ANEXOS

E

TABELAS

## ANEXO I

## ESCALA PARA MEDIDA DO SENTIMENTO DE AUTO-ESTIMA

## INSTRUÇÕES

A seguir encontra-se uma série de afirmações referentes a acontecimentos da vida diária. Leia cada item e, seguindo sua opinião decida se você CONCORDA ou DISCORDA da afirmativa. Escreva dentro dos parênteses à frente de cada item a letra (C) no caso de você concordar com a afirmativa e (D) no caso de você discordar da afirmativa.

Não existem respostas certas nem erradas. É a sua opinião que nos interessa.

Responda todos os itens mesmo aqueles onde você tem dúvidas.

- (\*) 1) (D) Eu costumo ter a sensação de que não há nada que eu possa fazer direito.
- 2) (D) Freqüentemente eu penso que sou um sujeito sem valor.
- 3) (D) Eu constantemente desejaria ser outra pessoa.
- 4) (D) Eu desisto muito facilmente das coisas que estou fazendo.
- 5) (C) Sinto-me feliz como sou.
- 6) (C) Minha família me compreende.
- 7) (C) Eu sou capaz de fazer coisas tão bem quanto a maioria das outras pessoas.
- 8) (C) Geralmente, estou satisfeito comigo mesmo.
- 9) (D) Gostaria de encontrar uma pessoa que pudesse resolver meus problemas para mim.
- 10) (D) Até hoje pouco consegui realizar do que havia planejado para mim.
- 11) (D) Há coisas em mim que eu gostaria de mudar, se fosse possível.
- 12) (D) Sinto necessidade de reconhecimento e aprovação dos meus atos.
- 13) (D) No todo, eu estou inclinado a sentir que sou um fracasso.
- 14) (D) Eu certamente, me sinto inútil às vezes.
- 15) (D) Gostaria de ser uma pessoa diferente da que sou.
- 16) (D) Acho que dependo muito das outras pessoas.
- 17) (C) Se tenho algo a dizer eu quase sempre digo.

(continua)

## (Continuação ANEXO I)

- 18) (D) Eu levo muito tempo para acostumar-me com alguma coisa nova.
- 19) (C) Estou satisfeito com o peso que tenho.
- 20) (D) Frente a problemas que me preocupam muito, prefiro "dar tempo ao tempo" para que eles se solucionem.
- 21) (D) Acho difícil as pessoas demonstrarem o que são na realidade.

(\*) Gabarito para correção das respostas: Quanto maior o escore, maior o sentimento de auto-estima.

## ANEXO II

FORMA PRELIMINAR DOS CRITÉRIOS PARA A ANÁLISE ESTRUTURAL  
DO TESTE DE DESENHO DA FIGURA HUMANA

FATORES	SIGNIFICAÇÃO	TIPOS	HIPÓTESES
1- Tamanho	O tamanho do desenho contém indícios acerca do realismo da auto-estima do sujeito, de sua expansividade característica e de suas fantasias de onipotência. O tamanho normal ocupa geralmente 2/3 da folha de papel ofício. O tamanho expressa como responde o indivíduo às pressões ambientais.	<p>Dese- nhos</p> <p>1-Pequenos muito pe- quenos</p> <p>2-Grandes muito grandes</p>	<p>.Sentimentos de i- nadequação</p> <p>.Sentimentos de inferioridade</p> <p>.Baixo nível de e- nergia</p> <p>.Sinais de repres- são e depressão</p> <p>.Sinais de timi- dez e retraimen- to</p> <p>.Sentimentos de expansão</p> <p>.Traços de agres- sividade</p> <p>.Traços de narci- sismo e exibicio- nismo</p> <p>.Ambição</p> <p>.Fantasias compen- satórias às res- trições ambien- tais</p>
2- Localiza- ção	Refere-se à colocação da figura na folha	<p>1- Metade superi- or da folha</p> <p>2- Centrado (mei- o da folha)</p> <p>3- Metade inferi- or da folha</p> <p>4- Lado direito da folha</p>	<p>.Insegurança, bus- ca de satisfação na fantasia, pas- sividade, alheia- mento</p> <p>.Segurança, equi- líbrio, auto-dis- ciplina, auto-di- recionamento, de- sejo de impor-se de modo favorá- vel</p> <p>.Sentimentos de: depressão, inse- gurança, regres- são, inadaptação</p> <p>.Extroversão, fu- ga de si, super</p>

(continua)

(continuação)

FATORES	SIGNIFICAÇÃO	TIPOS	HIPÓTESES
		5- Lado esquerdo da folha	ficialidade, necessidade de estabelecer relações com o mundo exterior .Inibição, introversão, desejo de fugir da realidade, imaturidade
3-Traço	O traço pode desenvolver-se com respeito à pressão, a direção, a continuidade, a angularidade e o ritmo. Dentro da área da normalidade observa-se que os desenhos que implicam um bom ajuste são aqueles cujas linhas fluem livremente, decididas e bem controladas. O traço de contorno do corpo é essencialmente a parede entre o corpo e o meio ambiente, e, frequentemente reflete o grau de limitação, vulnerabilidade, sensibilidade ou isolamento do sujeito.	Principais Tipos de Traço 1-Traços largos 2-Traços curtos 3-Traços retos 4-Traços circulares 5-Traços fortes 6-Traços leves ou normais 7-Traços trêmulos 8-Traços repetidos 9-Traços retos ininterruptos 10-Traços curtos esquemáticos 11-Traços pontilhados 12-Traços apagados e retocados	.Firme controle da conduta .Impulsividade  .Auto-afirmação, ânimo agressivo .Dependência e emotividade  .Medo, insegurança, agressividade .Bom tônus, equilíbrio  .Insegurança, dissimulação, disritmia .Insegurança, imaturidade, sentimento de perda afetiva .Rapidez, decisão  .Ansiedade, insegurança  .Grande dissimulação, quase neurose .Zona de conflito na área atingida

(continua)

(continuação)

FATORES	SIGNIFICAÇÃO	TIPOS	HIPÓTESES
		13-Traços com <u>li</u> nhas <u>den</u> tadas 14-Traços com <u>li</u> nhas <u>que</u> bra <sup>da</sup> s, <u>in</u> deci <sup>sa</sup> s 15-Traços com <u>li</u> nhas <u>frag</u> menta <sup>da</sup> s ou <u>esboça</u> das	.Agressividade, <u>hos</u> tilidade  .Continuidade <u>pe</u> lo <u>reforço</u> , <u>inse</u> gurança, <u>ansieda</u> de, <u>re</u> pressão <u>a</u> gressividade  .Ansiedade, <u>timi</u> dez
4-Pressão do traço	Indicador do nível energético do indivíduo.	Traço { <ul style="list-style-type: none"> <li>1-Forte (muita pressão)</li> <li>2-Fraco (pouca pressão)</li> </ul>	.Alto nível de <u>e</u> nergia, <u>tensã</u> o, <u>a</u> gressividade, <u>mui</u> to impulso. .Baixo nível <u>ener</u> gético, <u>repres</u> são, <u>de</u> pressão
5-Detalhes	É qualquer parte <u>i</u> dentificável do <u>to</u> do. Os <u>detalhes</u> <u>es</u> enciais são: <u>cabe</u> ça, <u>tronco</u> , <u>braços</u> e <u>pernas</u> . Se uma destas áreas está totalmente omitida, a figura está <u>in</u> completa.	1-Detalhes <u>ex</u> cessivos  2-Detalhes <u>ina</u> dequados 3-Ausência dos <u>detalhes</u> <u>ade</u> quados  4-Mínimo de <u>de</u> tlhes A-Em 1 <u>desenho</u> bem concebido em <u>propor</u> ções e <u>rela</u> ções <u>espaci</u> ais	.Característico dos <u>obsessivos</u> <u>compulsivos</u> , <u>ins</u> tabilidade, <u>impul</u> sividade, <u>desenho</u> dá sensação de rigidez .Tendência ao <u>re</u> traimento .Sentimento de <u>va</u> zio, <u>energia</u> <u>re</u> duzida, certo <u>i</u> solamento <u>emocio</u> nal  .Tendência a <u>con</u> centra-se em <u>si</u> mesmo, um <u>anor</u> mal <u>desprezo</u> <u>pe</u> las <u>convenções</u>

(continua)

(continuação)

FATORES	SIGNIFICAÇÃO	TIPOS	HIPÓTESES
		B-Em 1 desenho com insuficiente representação das relações espaciais e das proporções	.Marcada redução da eficiência mental irreversível ou não
6-Distorções e omissões	Uma distorção ou omissão de qualquer parte da figura desenhada sugere que pode haver conflitos relacionados com a parte omitida ou distorcida. As partes do corpo que recebem atenção indicativa de conflito, neste caso, são por ordem de frequência as mãos, os pés, os ombros, o braço, o nariz, o relhas e os quadris.	1-Figuras nuas 2-Rosto vazio (sem olhos, nariz, boca) 3-Rosto com poucos detalhes 4-Ombros exagerados 5-Traços para representar o chão	.Rebelião contra a sociedade, consciência dos conflitos sexuais . Nas figuras do mesmo sexo do sujeito: narcisismo corporal .Ausência de relação com o meio . Fuga às respostas aos estímulos exteriores. Imaturidade na comunicação .Timidez, inclinações neuróticas, evasão com relação a conflitos que envolvam relacionamentos interpessoais .Insegurança com respeito a própria identificação .Necessidade de apoio e ajuda
7-Simetria	A construção da figura humana é essencialmente simétrica, deve ter "justa proporção". Poucos indivíduos, treinados ou não, dão excessiva força a este detalhamento bilateral.	1-Falta de simetria 2-Simetria excessiva 3-Simetria bilateral	.Insegurança emocional .Indivíduos compulsivos, emocionalmente frios e distantes .Rigidez, sistema emocional obsessivo-compulsivo, super-intelectualização e depressão

(continua)

(continuação)

FATORES	SIGNIFICAÇÃO	TIPOS	HIPÓTESES
		4-Rigidez	.Proteção contra um meio ambiente ameaçador, <u>esta</u> dos emocionais reprimidos
8-Seqüên <u>cia</u>	<p>A seqüência de detalhes é índice do reconhecimento e conformidade do sujeito às <u>convenções</u>. Quase tão importante como observar a seqüência em que se vão sucedendo os detalhes de um <u>desenho</u> é observar a seqüência dos <u>diferentes</u> desenhos (Homem/Mulher).</p> <p>*Não foi observada a seqüência de detalhes nos desenhos dos <u>sujeitos</u> durante a aplicação do teste.</p>	<p>1-A grande maioria dos indivíduos desenharam primeiro figuras do seu <u>próprio</u> sexo. Por vezes homossexuais começam pela figura do <u>sexo</u> oposto, o que é um procedimento atípico. Isto pode ser sinal de:</p> <p>2-Ocasionalmente, um indivíduo <u>interromperá</u> o desenho para dar ênfase extra a alguma <u>área</u> particular de conflito, e pode ainda retornar várias vezes a ela. A indecisão para <u>prosseguir</u> mais além da cabeça ou de baixo da <u>cintura</u> indica:</p>	<p>.Inversão sexual .Confusão de <u>identificação</u> sexual .Intenso apego ou dependência com respeito a <u>alguém</u>, ou ao <u>prógenitor</u> do sexo oposto</p> <p>.Repugnância para dar de frente com conflitos <u>relativos</u> a essa <u>área</u> .Depressão</p>
9-Movimen <u>to</u>	O desenho pode <u>apresentar</u> uma grande variedade de movimento. O <u>desenho</u> que transmite a idéia de um impulso claro para o movimento, <u>porém</u> se acha bloqueado por traços estáticos, se <u>observa</u> principalmente em <u>esquizóide</u>	1-Desenho <u>extremamente</u> rígido	.Indivíduos com sérios e <u>profundos</u> conflitos <u>sobre</u> os quais <u>mantêm</u> um controle rígido e frágil. Pessoas para quem as <u>relações</u> espontâneas com os demais e com o mundo <u>constitui</u> uma grave <u>ameaça</u>

(continua)



(continuação)

FATORES	SIGNIFICAÇÃO	TIPOS	HIPÓTESES
	des ou esquizofrênicos. Os depressivos desenham poucos elementos móveis, e os psicóticos muito poucos ou muitos.	2-Desenho com movimento excessivo (que sugere muita atividade) 3-Desenho de pessoas sentadas ou inclinadas 4-Desenho do tipo mecânico, inanimado	.Indivíduos de intenso impulso na atividade motora, inquietação, excitação .Baixo nível de energia .Apatia, esgotamento emocional .Sinais patológicos (Psicose)
10-Sombreado	Qualquer grau ou tipo de sombreado se considera uma expressão de ansiedade. O rabiscar com vigor e agressividade para cobrir algo, deve ser visto como uma expressão de descargas de agressão e ocultação. O tipo mais frequente de sombreado consiste na luz, sombra, e linhas inseguras as quais, furtivamente, acentuam partes particulares da figura.	1-Desenho sombreado 2-Desenho apagado, emendado, retocado 3-Desenho reforçado 4-Sombreado doentio	.Ansiedade com relação à função sexual. Pessoa do tipo sonhadora, descuidada, insegura .Zona de conflito e dissimulação na área atingida .Compulsão, instabilidade, histeria .Uso aumentado do tempo, força excessiva, meticulosidade exagerada, controle deficiente, reforçamento
11-Postura	Pode ser considerada de maneira similar à postura de uma pessoa real. Linha média é tida como o eixo do corpo. Surge sob a forma de fileira de botões, braçadeira da calça, gravata, fivela do cinto etc.	1-As pernas sugerem não estar no chão e sim "no ar", e a figura em posição inclinada 2-Pernas bem juntas e apertadas, especialmente quando a figura é pequena 3-A-Braços e mãos em direção ao corpo	.Impressão definida de flutuação, precária estabilidade .Tipo neurótico tenso, consciente de si mesmo, apreensivo .Tendência à introversão

(continua)

(continuação)

FATORES	SIGNIFICAÇÃO	TIPOS	HIPÓTESES
		<p>B-Braços e mãos afastados do corpo</p> <p>4-Ênfase na linha média</p>	<p>.Tendência à <u>ex</u>troversão</p> <p>.Sentimentos de inferioridade corporal, imaturidade, dependên<u>cia</u></p>
12-Perspectiva	Os erros de perspectiva e transparências, sem dúvida, são sérias irregularidades que refletem um juízo muito pobre de um problema, e, uma débil discriminação nas partes essenciais.	<p>1-Desenho de perfil de uma figura</p> <p>2-Transparências</p>	<p>.Indiferença ou incapacidade de enfrentar o meio, indício de evasão, sugere temor de compromisso. Expressão de agressividade</p> <p>.Imaturidade, infantilidade</p>
13-Valência	Um indicador de desajustamento é a intensidade da valência negativa atribuída aos desenhos pelos sujeitos. O critério para avaliá-la pode ser, além das informações verbais, o tratamento diferencial dado às figuras femininas e masculinas, obtido através da comparação das figuras. *Critério: A-Figuras Femininas B-Figuras Masculinas	<p>1-Informações verbais ao inquérito, comentários etc. negativos ao desenho</p> <p>2-Fortalecimento de um sexo e debilitação de outro através de:</p>	<p>.Indica áreas de conflito no relacionamento com figuras do sexo do desenho</p> <p>.Redução do tamanho do desenho</p> <p>.Infantilização da figura</p> <p>.Empobrecimento da figura, por omissão ou distorção</p> <p>.Adultos que desenhavam figuras paternas</p>
14-Rasura	A maioria dos sujeitos rasura uma ou duas vezes cada desenho. Se observa mais nos neuróticos.	1-Ausência de rasuras	<p>.Pode indicar limitação das faculdades corretivas e críticas</p> <p>.Possível critério pobre de realidade</p>

(continua)

(continuação)

FATORES	SIGNIFICAÇÃO	TIPOS	HIPÓTESES
	As rasuras são consideradas uma expressão de ansiedade. Estão mais sujeitas ao controle consciente que a linha de reforçamento ou expressão sombreada de conflito. Representa um intento para alterar e perfeccionar.	2-Rasuras em grau excessivo	<p>dade</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>.Indica hiper-crítica</li> <li>.Bloqueio ou conflito e uma resistência aos estímulos</li> <li>.Indivíduos excessivamente controlados</li> </ul>

## ANEXO III

FORMA FINAL DOS CRITÉRIOS PARA A ANÁLISE  
ESTRUTURAL DOS DESENHOS DA FIGURA HUMANA

(\* )Atribuição de Pontos: 0= Ausência do fator nos 2 desenhos  
1= Presença do fator em 1 desenho  
2= Presença do fator nos 2 desenhos

FATORES	TIPOS	HIPÓTESES
1-Tamanho	1-Pequenos (muito pequenos)  2-Grandes (muito grandes)	.Sentimentos de inadequação e de inferioridade .Baixo nível de energia .Sinais de depressão, timidez, retraimento e repressão  .Sentimentos de expansão .Traços de agressividade, de narcisismo e exibicionismo .Fantasias compensatórias às restrições ambientais
2-Localização	1-Metade Superior da folha.  2-Metade Inferior da folha.  3-Lado Direito da folha.  4-Lado Esquerdo da folha.	.Insegurança, busca de satisfação na fantasia, passividade, alheamento  .Sentimentos de: Depressão, insegurança, regressão, inadaptação  .Extroversão, fuga de si, superficialidade, necessidade de estabelecer relações com o mundo exterior  .Inibição, introversão, desejo de fugir da realidade, imaturidade
3-Traço	1-Traços circulares 2-Traços fortes  3-Traços trêmulos  4-Traços repetidos  5-Traços curtos esquemáticos 6-Traços pontilhados  7-Traços com linhas dentadas 8-Traços com linhas quebradas, indeci-	.Dependência e emotividade .Medo, insegurança, agressividade  .Insegurança, dissimulação, disritmia  .Insegurança, imaturidade, sentimento de perda afetiva .Ansiedade, insegurança  .Grande dissimulação, quase neurose .Agressividade, hostilidade  .Continuidade pelo reforço, insegurança, ansiedade, repres-

(continua)

(continuação)

FATORES	TIPOS	HIPÓTESES
	<p>9-Traços com linhas fragmentadas ou esboçadas</p>	<p>são à agressividade .Ansiedade, timidez</p>
4-Pressão do traço	<p>1-Forte (muita pressão) 2-Fraco (pouca pressão)</p>	<p>.Alto nível de energia, tensão, agressividade, muito impulso .Baixo nível energético, repressão, depressão</p>
5-Detalhes	<p>1-Detalhes inadequados e traços para representar o chão 2-Ausência dos detalhes adequados</p>	<p>.Tendência ao retraimento, e necessidade de apoio e de ajuda .Sentimento de vazio, energia reduzida, certo isolamento emocional</p>
6-Omissões	<p>1-Rosto vazio 2-Rosto com poucos detalhes</p>	<p>.Ausência de relação com o meio. Fuga às respostas aos estímulos exteriores. Imaturidade na comunicação .Timidez. Inclinações neuróticas. Evasão com relação a conflitos que envolvam relacionamentos interpessoais</p>
7-Distorções	<p>1-Figuras nuas 2-Ombros exagerados</p>	<p>.Rebelião contra a sociedade. Consciência dos conflitos sexuais. Nas figuras do mesmo sexo do sujeito: narcisismo corporal .Insegurança com respeito a própria identificação</p>
8-Simetria	1-Falta de simetria	.Insegurança emocional
9-Sequência	<p>1-Desenhar primeiramente a figura do sexo oposto 2-Indecisão para prosseguir além da cabeça ou abaixo da cintura</p>	<p>.Inversão sexual. Confusão de identificação sexual. Intenso apego ou dependência com respeito a alguém, ou ao progenitor do sexo oposto .Depressão. Repugnância para enfrentar conflitos relativos a essa área</p>
10-Movimento	1-Desenho rígido	.Indivíduos com sérios e profundos conflitos sobre os

(continua)

(continuação)

FATORES	TIPOS	HIPÓTESES
	2-Desenho de pessoas sentadas ou inclinadas	quais mantêm um controle rígido e frágil. Pessoas para quem as relações espontâneas com os demais e com o mundo constitui uma grave ameaça. Proteção contra um meio ambiente ameaçador. Estados emocionais reprimidos .Baixo nível de energia. Apatia. Esgotamento emocional
11-Sombreado	1-Desenho sombreado 2-Desenho reforçado	.Ansiedade com relação à função sexual. Pessoa do tipo sonhadora, descuidada, insegura .Compulsão, instabilidade, histeria
12-Postura	1-As pernas sugerem não estar no chão e sim "no ar", e a figura em posição inclinada 2-Ênfase na linha média	.Impressão definida de flutuação, precária estabilidade .Sentimentos de inferioridade corporal. Imaturidade, dependência
13-Perspectiva	1-Desenho de perfil de uma figura 2-Transparências	.Indiferença ou incapacidade de enfrentar o meio. Indício de evasão, sugere temor de compromisso. Expressão de agressividade .Imaturidade, infantilidade
14-Valência	1-Informações verbais ao inquirido negativas ao desenho 2-Fortalecimento de um sexo e debilitação de outro	.Indica áreas de conflito no relacionamento com figuras do sexo do desenho .Reveja-se hipótese acima <u>Obs.:</u> Critério: A-Figuras Femininas B-Figuras Masculinas
15-Rasura	1-Ausência de rasura 2-Rasura em grau excessivo	.Pode indicar limitação das faculdades corretivas e críticas. Possível critério pobre de realidade .Indica hiper-crítica. Indivíduos excessivamente controla

(continua)

(continuação)

FATORES	TIPOS	HIPÓTESES
		dos. Bloqueio ou conflito, e uma resistência aos estímulos

## ANEXO IV

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA O GRUPO DE VÍTIMAS

## 1 - IDENTIFICAÇÃO

Nome

Idade

Residência

Nível de escolaridade

Profissão

Estado Civil

## 2 - Tipo de violência sofrida (Relato).

3 - Sofreu algum tipo de agressão antes desta? (Quando/Como/On-  
de)4 - Quando este (referente ao 2) aconteceu você estava sozinho?  
Em caso contrário, como reagiram as pessoas que estavam pró-  
ximas?

## 5 - Como se sentiu na situação?

- qual foi a primeira idéia que lhe ocorreu?

- teve vontade de reagir?

- em que pensou durante o tempo em que esteve com o .. agres-  
sor?6 - Depois do que lhe aconteceu, pensa (ou pensou) em mudar al-  
gum hábito de sua vida? Por exemplo: deixar de sair à noite  
sozinho  
com dinheiro

Não usar jóias

Não andar em determina-  
dos lugares (desertos)  
etc.

## 7 - Como se sentiu fisicamente durante ou depois do "assalto"?

- deu branco na cabeça

- teve dor de cabeça

- ficou tonto

- ficou tremendo de medo/raiva



- ficou enjoado
- vontade de urinar
- teve dor de barriga
- desmaiou
- levou um susto
- chorou/riu
- não sentiu nada

8 - Acha que depois do ocorrido, você de alguma forma passou a:

- ter medo de sair sozinho
- sentir-se um a mais na multidão
- ter pesadelos
- desconfiar de todos os estranhos
- ter esquecimento
- sentir-se desamparado
- etc.

9 - Você acha que de alguma forma, sua relação com as pessoas estranhas sofreu algum tipo de mudança depois do que lhe a conteceu?

(desconfiança/medo/indiferença/outros)

10 - Qual seria sua reação se presenciasse uma "agressão" como a que você sofreu em outra pessoa?

11 - O que você pensa sobre a violência atual? Como conviver com ela? Como evitá-la?

12 - Você acha que teve alguma responsabilidade no seu "assalto", no sentido de ter favorecido-o? Acha que poderia evitá-lo?

## Continuação Anexo IV

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA O GRUPO DE NÃO VÍTIMAS

## 1 - IDENTIFICAÇÃO

Nome

Idade

Residência

Nível de escolaridade

Profissão

Estado Civil

2 - Como é a sua rotina diária? (horários, meios de transporte, lazeres, lugares que costuma frequentar).

3 - Em termos de hábitos:

- você costuma sair à noite?

- normalmente, você sai sozinho ou acompanhado?

- você costuma usar jóias?

- quando você sai, você tem que passar por lugares (ruas) desertos ou escuros?

4 - Como você se sente fisicamente?

- você tem dor de cabeça frequentemente?

- você sente tonteadas?

- você costuma tremer? (quando sente medo ou raiva)

- você sente enjoô?

- você desmaia com facilidade?

- você tem algum problema gastro-intestinal?

- você chora facilmente?

- você costuma ter esquecimento?

- como é o seu sono? (insônia, pesadelos frequentes)

- você costuma ter taquicardia?

- você sente falta de ar?

- você não sente nada de especial fisicamente

5 - Quando está na rua ou em lugares públicos, você se acha uma pessoa:

- atenta

- cautelosa, cuidadosa
  - distraída
  - desconfiada
  - medrosa
- 6 - Em termos gerais:
- você se acha uma pessoa calma, tranqüila? (nervosa?)
  - você se assusta com facilidade?
  - você se julga uma pessoa de temperamento controlado ou impulsivo?
  - Você costuma se sentir desamparado?
  - Você costuma se sentir impotente face às situações que não pode resolver, ou você fica revoltado?
- 7 - Como é a sua relação com as pessoas estranhas em geral? (desconfiança, medo, etc.)
- 8 - Você tem alguém na sua família que já tenha sido assaltado? (roubo, furto, etc.)
- 9 - Você já presenciou alguma "agressão" (roubo, assalto, furto etc.) em outra pessoa? Em caso afirmativo, como você reagiu?
- 10 - À que você atribui o fato de nunca ter sido vítima da violência? (sorte, estilo de vida, precauções, etc.)
- 11 - O que você pensa sobre a violência atual? Como conviver com ela? Como evitá-la?

TABELA 1  
RESULTADOS NA ESCALA PARA MEDIDA  
DO SENTIMENTO DE AUTO-ESTIMA

(Amplitude =21)

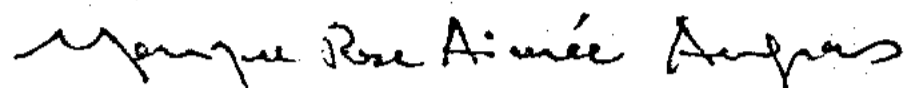
	$\Sigma X$	$\Sigma X^2$	$\bar{X}$	$\sigma$	t
Grupo I Vítimas (N = 25)	380	5.998	15,20	3,04	- 0,85 N.S.
Grupo II Não Vítimas (N = 25)	398	6.540	15,92	2,91	
Total (N = 50)	778	12.538	15,56	2,97	

TABELA 2  
RESULTADOS NO TESTE DO DESENHO  
DA FIGURA HUMANA

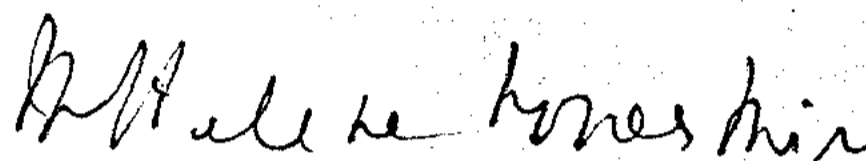
(Amplitude =30)

	$\Sigma X$	$\Sigma X^2$	$\bar{X}$	$\sigma$	t
Grupo I Vítimas (N = 25)	380	6.406	15,20	5,12	0,72 N.S.
Grupo II Não Vítimas (N = 25)	356	5.498	14,24	4,22	
Total (N = 50)	736	11.904	14,72	4,67	

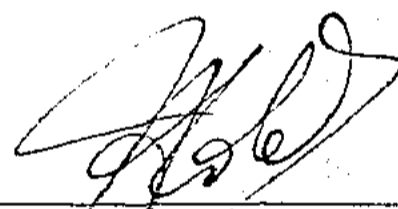
Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ, fazendo parte da Banca Examinadora os seguintes professores:



Monique Rose-Aimée Augras  
PUC/RJ - Deptº de Psicologia  
orientadora



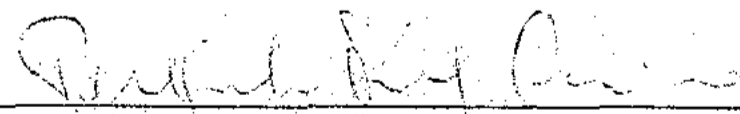
Maria Helena Novaes Mira  
PUC/RJ - Deptº de Psicologia



José Augusto Dela Coleta  
Universidade Federal de Uberlândia

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, 05 de maio de 1983



Vera Maria Ferrão Candau  
Coordenadora dos Programas  
de Pós-Graduação do Centro  
de Teologia e Ciências  
Humanas.